

**A IDENTIDADE DO JOGADOR DE PÓLO AQUÁTICO**

**E O MITO DA MASCULINIDADE**

por

**Silvio de Cassio Costa Telles**

---

# **A IDENTIDADE DO JOGADOR DE PÓLO AQUÁTICO**

## **E O MITO DA MASCULINIDADE**

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Educação Física da Universidade Gama Filho  
Como Requisito Parcial à Obtenção do  
Título de Mestre em Educação Física

Fevereiro, 2002

**A IDENTIDADE DO JOGADOR DE PÓLO AQUÁTICO**  
**E O MITO DA MASCULINIDADE**

Silvio de Cassio Costa Telles

**Apresenta a Dissertação**

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr . Antonio Jorge Gonçalves Soares  
Orientador

---

Prof.a. Dra. Vera Lúcia de Menezes Costa

---

Prof. Dr. Roberto Ferreira dos Santos

**Fevereiro, 2002**

Dedico esse trabalho ao meu  
filho Gabriel Möller Telles, por ter  
me possibilitado a alegria  
incomensurável de ser pai.

## AGRADECIMENTOS

### À Deus, por tudo e por todos.

Aos meus pais **Rosa e Silvio** e à memória de **Teresinha Guimarães** que me conduziram até aqui e me guiarão até onde eu possa ir.

À minha esposa **Patrícia** pela dedicação, ajuda e compreensão .

À **Universidade Gama Filho** que, na figura de seus professores, ajudou a construir um educador melhor para a sociedade.

À **CAPES** por ter investido em minha qualificação profissional.

Ao meu orientador **Prof. Dr. Antônio Jorge** por ter acreditado na minha capacidade e principalmente pelo companheirismo demonstrado ao longo de todo o curso.

Aos muitos entrevistados, amigos , colegas que tornaram possível esse trabalho.

Em especial à **Isabela Szabo, Mario Eduardo Souto, Ricardo Cabral, Carlos Carvalho , Cristiana Rosado, Ângelo Coelho, André Malina, Renato Maggioli e Solon dos Santos** que enriqueceram e possibilitaram a criação da pesquisa .

Às **Prof<sup>as</sup>. Dotoras Vera Costa e Ludmila Mourão** que souberam indicar o norte no momento da qualificação.

TELLES, Silvio de Cassio Costa. (2002) A identidade do jogador de pólo aquático e o mito da masculinidade. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF / UGF.

Orientador:

## **RESUMO**

Este trabalho investiga por que, apesar de não haver conseguido um lugar de destaque entre os esportes mais populares em nosso país, o Pólo Aquático aqui se institucionalizou e, com poucos incentivos e participantes, vem atuando regularmente por uma centena de anos. Quais foram os mecanismos que possibilitaram aos seus praticantes construir uma identidade, estabelecer um elo entre gerações e manter vivo esse esporte durante tanto tempo? Acompanhando a evolução do Pólo Aquático no Brasil e entrevistando jogadores, ex-jogadores, técnicos e dirigentes, pôde-se detectar que ser forte, ser másculo, ser “homem”, foram as características que permitiram a este grupo construir sua identidade e atingir aqueles objetivos. Isso nos permitiu inferir que existe uma intrínseca relação entre estes atributos físicos que se espera que os jogadores de Pólo Aquático possuam e os atributos que compõem o mito da masculinidade. Os estudos de Sócrates Nolasco forneceram o suporte teórico necessário para a apresentação da figura de Aladar Szabo, lembrado pela unanimidade de nossos entrevistados, como uma encarnação do mito da masculinidade e, sob a perspectiva de Joseph Campbell, como um herói do Pólo Aquático brasileiro.

TELLES, Silvio de Cassio Costa. (2002) The identity of the waterpolo player and the masculinity myth. (Master's Dissertation). Rio de Janeiro: PPGEF / UGF.

Advisor: Antonio Jorge Soares

### **ABSTRACT**

This dissertation investigates the reasons why waterpolo, in spite of not being a very popular sport in Brazil, was institutionalized in this country and, with very few incentives and practitioners, has existed in Brazil for about a hundred years. What were the mechanisms that enabled its practitioners to create an identity, establish links among generations and keep this sport alive for such a long time? After observing the evolution of waterpolo in Brazil and interviewing players, ex-players, coaches and managers, one can notice that being strong, masculine, being a “man”, were the characteristics that allowed this group to construct its identity and achieve those goals. This allowed us to infer that there is an intrinsic relationship between these physical attributes, which are expected to be found in a waterpolo player, and the masculinity myth. The studies of Socrates Nolasco provided the necessary technical support for the presentation of Aladar Szabo, unanimously remembered by the interviewees, as an incarnation of the myth of masculinity and, under Joseph Campbell's perspective, as a hero of Brazilian waterpolo.

## ÍNDICE

	Página
LISTA DE ANEXOS .....	viii
Capítulo	
I. INTRODUÇÃO .....	1
II. A IDENTIDADE DO JOGADOR DE PÓLO AQUÁTICO .....	7
2.1. O Funcionamento de Pequenos Grupos	8
2.2. Características do Jogador de Pólo Aquático no Brasil	12
III. O MITO DA MASCULINIDADE .....	17
3.1. Aladar Szabo	21
3.1.1. Aladar Szabo e o Pólo Aquático no Brasil	27
3.1.2. Aladar Szabo e o Mito da Masculinidade	32
3.1.3. A Trajetória do Herói	44
3.2. Racionalizar é Preciso	50
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	60
BIBLIOGRAFIA .....	65
ANEXOS .....	68



## LISTA DE ANEXOS

Anexo	Página
1. Primórdios do Pólo Aquático Brasileiro .....	69
2. Resultados de Competições de Pólo Aquático.....	73
3. Reportagens.....	82

## CAPÍTULO I



*Equipe do Fluminense de 1960.  
Clube que mais títulos no pólo aquático conquistou.*

## INTRODUÇÃO

O fato de o Pólo Aquático no Brasil já haver completado cem anos de história poderia ser erroneamente interpretado por algum estrangeiro, como um indício de que ele é parte da tradição esportiva de nosso país, ou um elemento cultural altamente disseminado. No entanto, apesar de haver conquistado títulos sul-americanos e um pan-americano, de ter participado de sete edições dos Jogos Olímpicos (mesmo sem obter colocações expressivas) e de cumprir um calendário regular de competições regionais, nacionais e internacionais, o Pólo Aquático brasileiro não se tornou um esporte de massa, nem ganhou uma significativa adesão de participantes ou de espectadores.

São bastante conhecidas as racionalizações ou justificativas sobre a “estatura” de esportes de baixa adesão: falta de apoio do governo e/ou da iniciativa privada, falta de patrocínio financeiro, falta de uma administração profissional, falta de divulgação... No

outro extremo, temos esportes como o futebol, onde as explicações sobre o seu alto grau de impacto assumem um caráter quase que esotérico: populares, jornalistas e até pessoas do meio acadêmico justificam a grande adesão ao futebol em função de delegarem ao povo brasileiro um gingado, uma tendência natural que possivelmente facilitaria a prática e com isso uma maior identificação com o futebol. Respostas desta natureza sempre lançam mais escuridão do que luz sobre o entendimento do fenômeno esportivo e suas implicações sócio-históricas.

Além de todas as prédicas do movimento higienista e dos elogios sobre o papel educativo do esporte, a difusão e a incorporação de um estilo de vida esportivo na sociedade moderna só podem ser pensadas considerando-se o papel da mídia nesse processo. Antes limitado ao lazer e praticado por poucos aficionados pertencentes às classes mais favorecidas, a partir da segunda metade do século XIX, com a uniformização e internacionalização das regras de diferentes modalidades, o esporte tornou-se uma atividade popular, e por vezes altamente remunerada, à qual a mídia, em todo o mundo, dedica grande espaço.

A permanência de uma modalidade no cenário esportivo de um país não se dá sem o apoio de suas entidades competentes, como as confederações e federações; porém, além desse apoio, a intervenção da mídia é extremamente importante para o aumento do número de praticantes, de espectadores e, conseqüentemente, de pessoas interessadas em patrocinar um esporte. Resultados expressivos e o aparecimento de ídolos também contribuem sobremaneira para elevar o interesse na modalidade. É comum, ainda, discutir-se a permanência de um esporte através da construção de identidade. A construção de uma identidade, que é crucial para a coesão de um grupo, ocorre em um jogo social onde os atores envolvidos inventam ou descobrem laços comuns que os diferenciam dos demais. Para tornar-se popular, uma modalidade esportiva deve ter atores sociais interessados em

divulgá-la, envolvendo outras pessoas e grupos, e investindo em seu crescimento.

Dentre os elementos que foram acima citados como contribuindo para o processo de difusão, adesão e popularização dos esportes, já vimos que os resultados do Pólo Aquático brasileiro no cenário internacional são modestos, se comparados aos de outras modalidades esportivas. Por outro lado, quando pensamos em ídolos, heróis ou narrativas míticas, sempre imaginamos figuras lendárias e bem populares, que aparecem na mídia ou estão nos anais da história de um país, da civilização. Todavia, se nos lembrarmos da socialização que experienciamos em nossa família, em nosso bairro, na escola básica, verificamos que nos pequenos grupos também se constróem narrativas sobre “ídolos”, “heróis” e “mitos” locais. Assim, em um nível microssocial, com suas semelhanças, diferenças e particularidades, podemos observar parte do processo que visualizamos no nível macrossocial.

É importante ressaltar que a memória dos pequenos grupos, além de ser fragmentada, por carecer de registros, e ter como meio mais freqüente de divulgação a oralidade, está o tempo inteiro sendo reelaborada no sentido de manter a estabilidade e a coesão social.

*“Se a estabilidade emocional de caráter depende de uma noção coerente do passado de cada um – de uma narrativa que relata os episódios formativos que deram origem à identidade própria – então talvez as ameaças à coesão desencadeadas pelas forças de fragmentação da vida moderna possam ser neutralizadas pela atenção às histórias que as pessoas contam sobre suas vidas e às comunidades em que adquirem um significado.” (Levine, 1997, p.21)*

De fato, o processo de estruturação da personalidade individual ou coletiva depende do significado que os atores sociais dão ao passado, no processo de projeção do futuro. Não estamos falando aqui de histórias construídas por historiadores profissionais, mas nos reportando ao sentido existencial da história ou memória para a vida dos indivíduos e

grupos. Neste sentido, a memória coletiva é fundamental. Ela age recortando e reelaborando os eventos passados no presente, produzindo significados existenciais para indivíduos e grupos.<sup>1</sup>

A partir dessas considerações, pode-se concluir que respostas mais plausíveis sobre o processo de difusão ou permanência de modalidades esportivas – sejam elas de grande ou de baixo impacto – podem ser elaboradas a partir de diferentes perspectivas históricas e sociológicas.

No presente trabalho, interessa-nos investigar por que, apesar de não haver conseguido um lugar de destaque entre os esportes mais populares em nosso país, o Pólo Aquático aqui se institucionalizou e, com poucos incentivos e participantes, vem atuando regularmente por quase cem anos. Que mecanismos institucionais, que elos comunitários ou sociais possibilitaram a um pequeno grupo de praticantes manter viva essa modalidade esportiva durante tanto tempo?

Do ponto de vista teórico, essas questões são relevantes na medida em que a sociologia do esporte no Brasil não dá muita atenção aos esportes de baixa adesão. Poderíamos mesmo dizer que, no contexto latino-americano, o estudo histórico e sociológico do esporte, depois de sair do ostracismo acadêmico, a partir dos anos 80 centrou seu foco de análise basicamente na relação futebol / sociedade (Alabarces, 1999). Por esta razão, estudos de esportes considerados periféricos ou de pequenos grupos (elites) podem trazer novos elementos para a análise do estilo de vida esportiva e, por extensão, da própria dinâmica social e cultural de nossa sociedade.

---

<sup>1</sup> Aqui é importante fazermos uma digressão, no sentido de refletir sobre o papel do pesquisador, que no presente estudo não pôde evitar o envolvimento da sua própria memória individual e coletiva. Na medida em que pertencemos à comunidade do Pólo Aquático brasileiro, a memória que estamos tomando como objeto de análise faz parte de nosso próprio processo de construção de identidade, como indivíduo e também como membro do grupo de Pólo Aquático. Assim, foi preciso redobramos os cuidados para não inventarmos um passado com as cores de que precisamos no presente.

Não temos a intenção, neste estudo, de aprofundar todos os temas até aqui abordados. Delimitando o foco de análise, o objetivo deste trabalho é identificar os sentidos e representações que possibilitaram ao pequeno grupo de praticantes do Pólo Aquático nacional construir uma identidade, estabelecer um elo entre gerações e manter vivo este esporte durante mais de cem anos.

Para atingir este objetivo, procuramos, através da literatura da área e de jornais e revistas de época, voltar às origens do Pólo Aquático no Brasil e acompanhar sua evolução, para apontar características específicas que estão ligadas à prática desse esporte desde que aqui foi implantado. Além dessas fontes documentais, e abrindo uma segunda linha de pesquisa, entrevistamos jogadores, ex-jogadores, técnicos e dirigentes, buscando, a partir dos dados oferecidos pela memória desses atores sociais envolvidos com a prática do Pólo Aquático nacional, destacar os elementos que teriam contribuído para a construção e manutenção da sua identidade enquanto grupo. Paralelamente, ampliamos a leitura de autores que fornecessem o referencial teórico com base no qual os sentidos e representações que foram sendo levantados durante o desenvolvimento das duas linhas de pesquisa acima mencionadas pudessem ser interpretados.

Assim, a organização do estudo foi determinada pela interpenetração dos elementos que iam sendo levantados e que, no decurso da pesquisa, se reencontravam. A história do Pólo Aquático brasileiro e as entrevistas que realizamos traziam dados sócio-históricos e teóricos que mereciam ser aprofundados e, simultaneamente, o referencial sócio-histórico e teórico que íamos coligindo possibilitava a análise e interpretação daqueles dados.

No Capítulo II – A Identidade do Jogador de Pólo Aquático –, procuramos entender os mecanismos de funcionamento interno dos pequenos grupos através do estudo desenvolvido por Theodore M. Mills (1970) e delineamos as origens do Pólo Aquático no Brasil e as características, reais ou imaginárias, que foram compondo a identidade de seus

praticantes.

O Capítulo III – O Mito da Masculinidade – estabelece a relação entre as características que construíram a identidade do praticante de Pólo Aquático e aquelas que compõem o mito da masculinidade. Os trabalhos de Sócrates Nolasco (1995a, 1995b, 2001), ao abordarem a subjetividade masculina sustentando-se no conceito de virilidade, bem como a conexão da virilidade com o mundo do trabalho e da violência, fornecem o suporte teórico para apresentarmos e analisarmos a figura de Aladar Szabo, que a literatura da área e as entrevistas realizadas apontam como ícone do jogador de Pólo Aquático no Brasil. Seria ele um herói local? Sob a perspectiva de Joseph Campbell (1999), esmiuçamos as etapas percorridas por um herói que podem ser entrelaçadas com diversos momentos da vida de Szabo, e que podem caracterizá-lo, pela forma como estão construídas as narrativas sobre ele, como um herói do Pólo Aquático brasileiro.

As considerações finais da pesquisa são apresentadas no Capítulo IV.

## CAPÍTULO II



*Time do Fluminense na década de 50  
Detalhe: em pé 'a direita, João Havelange*

### **A IDENTIDADE DO JOGADOR DE PÓLO AQUÁTICO**

Como ocorre também em outros esportes de pouca adesão, o jogador de Pólo Aquático no Brasil vive a experiência de pertencer a um pequeno grupo cujos assuntos não fazem parte do universo mais comumente conhecido do esporte. Quando escolhe essa modalidade, o praticante percebe ter despertado a curiosidade de seus amigos e colegas, que às vezes nem sabem do que se trata; a maioria deles prefere jogar futebol, basquete ou voleibol, e alguns traduzem o Pólo Aquático pela lógica do futebol e o descrevem como um “futebol na água”. Somente quando chega ao local dos treinos o praticante de Pólo Aquático encontra outras pessoas que falam a mesma linguagem que ele, e com quem pode partilhar o seu interesse pelo esporte. Assim, a criação de uma identidade é fundamental para a sobrevivência social do praticante de Pólo Aquático e do seu pequeno grupo. Neste capítulo procuraremos acompanhar o surgimento desse mecanismo. Para tanto, na



primeira seção é descrito o funcionamento de pequenos grupos, de acordo com o estudo empreendido por Theodore M. Mills (1970); a seguir, a partir dos dados levantados na literatura da área e nas entrevistas realizadas com praticantes e ex-praticantes, técnicos e dirigentes ligados ao esporte<sup>2</sup>, são apontados traços específicos que vêm caracterizando o Pólo Aquático desde o seu surgimento em nosso país.

## 2.1 – O Funcionamento de Pequenos Grupos



*Seleção Brasileira década de 50  
Detalhe: 'a esquerda sentado,  
o técnico Paolo Costoli*

Segundo Mills (1970), pequenos grupos seriam unidades compostas de duas ou mais pessoas que entram em contato para atingir determinado objetivo, e que consideram significativo tal contato. Um pequeno grupo apresenta em nível micro aspectos societários que são vislumbrados em diversos setores do sistema social mais amplo – por exemplo, códigos de ética, meios de troca, postos de prestígio, ideologias e mitos. Entender os mecanismos de funcionamento interno de pequenos grupos pode ajudar a compreender o pensamento do indivíduo que a eles pertence, já que as pressões sociais provenientes da relação dos “de dentro” pode gerar modificações no contexto geral do grupo.

---

<sup>2</sup> Foram entrevistados para essa dissertação: Aluísio Marsili, André Raposo, Armando Caetano, Carlos Carvalho, Edson Perri, Eduardo Abla, Everardo Cruz Filho, Ítalo Costa, João Gonçalves, João Havelange, José Roberto Haddock Lobo, Luís Silva, Mário Souto, Reinaldo Nunes e Solon dos Santos.

Para ser aceito como membro, o indivíduo percebe que deverá se enquadrar dentro das peculiaridades evidenciadas pelo grupo. Em seu livro *Sociologia dos Pequenos Grupos*, Mills (1970) propõe uma divisão em cinco níveis de processos interpessoais complexos, diferentes e distintos, que envolvem: comportamentos, emoções, normas, objetivos e valores. Estes níveis são organizados em sistemas e subsistemas, e os elementos de cada um deles têm seus próprios aspectos e seus princípios de organização. Ao entrar no grupo, o indivíduo passa por estágios progressivos, e pode operar em um nível e depois em outro, até assumir a responsabilidade pelo grupo como um todo, e nessa função atuar simultaneamente nos cinco níveis.

A organização dos cinco níveis de processos interpessoais dentro de um pequeno grupo é a seguinte:

Comportamento: As pessoas agem abertamente diante de outros. O subsistema deste nível seria a interação, que é a organização, no tempo, de ação explícita entre pessoas.

Emoções: Impulsos que as pessoas experimentam e sentimentos que têm entre si e com relação ao que ocorre. O subsistema deste nível é a emoção do grupo, isto é, a configuração de sentimentos entre participantes do grupo e de suas respostas emocionais aos acontecimentos.

Normas: Idéias a respeito da maneira como as pessoas devem agir, sentir e exprimir seus sentimentos. No nível das normas, o subsistema seria o sistema normativo, que é formado pelas idéias organizadas, e em grande parte comuns, a respeito do que os membros do grupo devem fazer e sentir sobre a maneira de regular tais idéias, bem como quanto às sanções que devem ser aplicadas quando o comportamento não coincidir com as normas.

Objetivos: Idéias a respeito do que é mais desejável que os grupos façam como

unidades. O subsistema deste nível seria o sistema técnico, que é o conjunto de idéias a respeito do que o grupo realiza, bem como planos quanto à maneira de realizar.

Valores: Idéias a respeito do que é mais desejável que os grupos, como unidades, sejam e venham a ser. O subsistema seria o sistema de direção, que consiste em interpretações quanto ao que o grupo é, as idéias do que seria desejável que viesse a ser, bem como idéias quanto à maneira de se chegar a isso.

Os cinco sistemas são ligados empiricamente, pois nossos sentimentos sofrem influências do que os outros fazem, nossas ações são influenciadas pelas nossas idéias e nossas regras mudam muitas vezes por causa dos nossos objetivos.

Exemplificando: quando entra em um grupo, o indivíduo começa a interagir com ele e a participar das emoções do grupo. Depois, participa do sistema normativo, descobrindo o que deve ser feito e o que deve ser sentido. Em um terceiro estágio, identifica-se com os objetivos do grupo, e também com os membros e com o grupo como um todo, tentando entender, contribuir e/ou facilitar quanto ao que o grupo pode vir a ser.

Com base nos dados acima, podemos entender como se dá a entrada de um indivíduo em um pequeno grupo e como a incorporação dos objetivos, normas, valores, comportamento, são cruciais para que ele seja aceito e/ou não sofra sanções.

Quando analisamos a entrada de pessoas dentro do grupo de Pólo Aquático, uma relação muito próxima da divisão proposta por Mills (1970) sobre os pequenos grupos torna-se clara. Percebemos que, após o indivíduo ser aceito, com o passar do tempo a ele vão sendo atribuídas funções para que a unidade do grupo seja mantida.

Inicialmente ele entra na escolinha de Pólo Aquático, e se defronta com meninos que praticam o esporte há um pouco mais de tempo. Se souber nadar bem e for grande, ele terá boas possibilidades de ser aceito de imediato. Sendo o Pólo Aquático um esporte de muito contato, técnicas de desvencilhar-se do adversário podem parecer aos “de fora” um

tanto violentas. Isso imediatamente gera no novato uma angústia, por estar sendo “atacado” e não saber se defender de maneira correta. Para facilitar o entendimento sobre este caso, descreveremos uma escapada em um contra-ataque. Quando um time perde a posse de bola e um jogador parte em disparada em direção ao gol adversário, com uma vantagem sobre os jogadores do time oponente, dizemos que está ocorrendo um contra-ataque. Ao receber a bola, o jogador que escapou é perseguido por um adversário, que possivelmente estava próximo. O atacante, ao perceber que está sendo perseguido, sai nadando para ficar exatamente à frente do oponente; com o peito do pé e com a perna empurra o adversário para um lado, e por ação e reação vai para o outro lado, tendo mais espaço para a conclusão do ataque. Para um novato, isso pode caracterizar um chute, uma agressão. Mas, para quem pratica, seria um lance normal de jogo. Outro exemplo claro seria o momento da falta. Salvo em caso de agressão, o árbitro só marca falta se o jogador largar a bola no momento em que é abordado por um adversário. Ao ser afundado pelo oponente, o jogador deve largar a bola e sofrer a falta, porém muitas vezes o novato não larga a bola, por não saber se o árbitro dará ou não falta, ou por desconhecer a regra. Enquanto isso, ele é afundado ou pressionado para que perca o controle da bola para o oponente. Mais uma vez, ser afundado e mantido debaixo d’água pode parecer uma agressão para o principiante. No entanto, com o tempo, ele perceberá que esses comportamentos fazem parte do esporte, e que para incorporar-se a ele terá que aceitar suas regras e normas.

Depois de passar pela escolinha, o praticante caminha para as equipes de base do clube, até chegar à equipe principal. Com isso, começa a disputar jogos e a sofrer emoções pertinentes às situações do jogo, emoções que são compartilhadas por todos os jogadores. Muitas vezes, por estar perdendo, sendo atacado, e por se achar forte, talvez mais forte do que o adversário, uma agressão por baixo d’água pode ser considerada pelo praticante

como uma saída viável. Então, sofrer em um jogo, agredir o adversário sem que o árbitro veja e estar ciente de que o revide pode ocorrer nessas mesmas condições torna o jogo tenso, propício a atitudes intempestivas: por se achar mais forte que o oponente e por não conseguir um revide, o praticante perde a cabeça e briga. Como isso ocorrem inúmeras vezes, principalmente no passado, e nada aconteceu com os agressores, tornou-se quase que uma norma bater e apanhar em um jogo de Pólo Aquático.

Quando pára de jogar, o praticante pode ser conduzido a um cargo de chefe de delegação ou de técnico, principalmente porque não existem no mercado pessoas que não tenham jogado Pólo Aquático e que estejam habilitadas a exercer funções como essas. Como técnico, o ex-praticante atua em todos os níveis propostos por Mills (1970) para os pequenos grupos.

## **2.2 – Características do Jogador de Pólo Aquático no Brasil**



*Aladar Szabo*

O Pólo Aquático começou a ser jogado em nosso país, no início do século XX, por remadores do Clube de Regatas do Flamengo, do Clube de Regatas Guanabara, do Clube de Regatas Vasco da Gama, dentre outros, que a princípio o praticavam apenas por diversão. Nessa época era comum as pessoas que se dedicavam à atividade esportiva

participarem de várias modalidades, pois a especialização esportiva ainda não era um imperativo.

Como os remadores eram bastante corpulentos e a natação não era o seu principal esporte, eles utilizavam-se da força para desvencilhar-se de seus adversários, o que gerava um certo grau de agressividade. As regras, até então quase que inexistentes, permitiam quase tudo para que se chegasse ao objetivo – o gol –, o que era alcançado quando os jogadores conseguiam colocar a bola dentro de um dos barcos (provavelmente os que eram utilizados nas regatas); o goleiro podia ficar em cima dos barcos e saltar sobre o atacante, tentando roubar-lhe a bola. A força e a resistência eram essenciais para o sucesso da equipe, e quem assistia aos jogos logo percebia que tratava-se de homens extremamente preparados e de força superior à maioria dos espectadores. Deve-se ressaltar que os danos causados em nada podiam ser comparados às lesões, fraturas e torções que ocorriam e ocorrem em esportes de alto contato físico, como por exemplo no futebol. Mas a imagem que ficou do Pólo Aquático praticado por aqueles corpulentos e agressivos remadores é que jogar Pólo Aquático significava ser viril, forte, valentão, brigão, atributos relacionados à força física.

Não podemos determinar se tal estereótipo foi construído pelos “de dentro” ou pelos “de fora” do grupo de praticantes de Pólo Aquático. O fato é que histórias que enfatizam o perfil agressivo, violento e fanfarrão do jogador de Pólo Aquático continuam até hoje sendo narradas. Em suas entrevistas, ex-jogadores como Solon dos Santos, Eduardo Abla, Mário Souto, Carlos Carvalho, José Roberto Haddock Lobo, Hiltom de Almeida, Edson Perri, Ricardo Perrone, Reinaldo Nunes e Aluísio Marsili contam que participaram, viram ou ouviram falar de grandes problemas disciplinares ocorridos em jogos ou viagens. O interessante é que essas histórias de agressões, brigas e violência são contadas com um toque de orgulho, prazer e humor.

Isso provavelmente ocorre para que seja mantida a unidade do grupo de praticantes de Pólo Aquático. Como vimos na seção anterior, diante de pressões contrárias o grupo precisa ser capaz de manter seus processos padronizados, reforçar as relações afetivas e os sentimentos dos seus membros, impor suas regras, confirmar suas crenças e afirmar seus valores (Mills, 1970). Assim, os iniciantes viam os mais antigos contarem histórias de brigas, agressões, jogos sangrentos, e acabavam por internalizar essas condutas.

Um fato marcante na história do Pólo Aquático brasileiro ocorreu em 1932, durante os Jogos Olímpicos de Los Angeles. Era a nossa segunda participação nos Jogos (a primeira foi na Antuérpia, em 1920, como o primeiro esporte coletivo brasileiro a participar de uma Olimpíada) e, tratando-se de uma competição de expressão mundial, não se pode negar que foi um ato no mínimo incomum. Após perder o jogo para a Alemanha, a equipe de Pólo Aquático saiu da piscina e agrediu o árbitro da partida, Bela Conjadi, sendo então desclassificado (Comitê Olímpico Internacional, 1932). Este episódio causou problemas, pois o Pólo Aquático caiu em descrédito junto à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade que controla todos os esportes brasileiros. Com isso, como relata José Roberto Haddock Lobo (ex-jogador e ex-técnico da seleção brasileira de Pólo Aquático), diminuíram os incentivos. Sem o apoio da CBD, o Pólo Aquático ficou longo tempo afastado das competições internacionais. Nesse período, somente as competições internas, sob responsabilidade das federações, continuaram a ocorrer.

Como vemos, o Pólo Aquático fazia por onde ser visto como um esporte de pessoas violentas. Nas entrevistas realizadas, os ex-jogadores confirmaram que pancadas e socos são atitudes comuns dentro da piscina, e muitas vezes são encarados como fazendo parte das peculiaridades do jogo. Apesar de ser um esporte de contato, as regras do Pólo Aquático não prevêm nenhum tipo de violência, por cima da água ou sob ela. O que acontece (provavelmente também em outros esportes) é a consciência de que ser agredido

sem que o árbitro perceba gera a possibilidade de um revide sob as mesmas condições. Ao final da partida, contar o que aconteceu, se apanhou ou se bateu, torna-se uma atração a mais, tanto para os companheiros do time quanto para os que estão a ouvir a narração do acontecido.

O interesse por competições onde as agressões são um atrativo à parte é comprovado, tanto na antiguidade, em Roma pela construção do Coliseu, que dentre suas atrações os gladiadores eram um grande espetáculo, chegando a reunir 50.000 pessoas e atualmente pelo advento do Vale-tudo, que cresce de forma significativa. Não que exista relação entre estas modalidades e o Pólo Aquático no tocante à violência, mas a analogia torna-se pertinente quando percebemos que a agressividade é atraente tanto para quem a pratica como para quem a assiste.

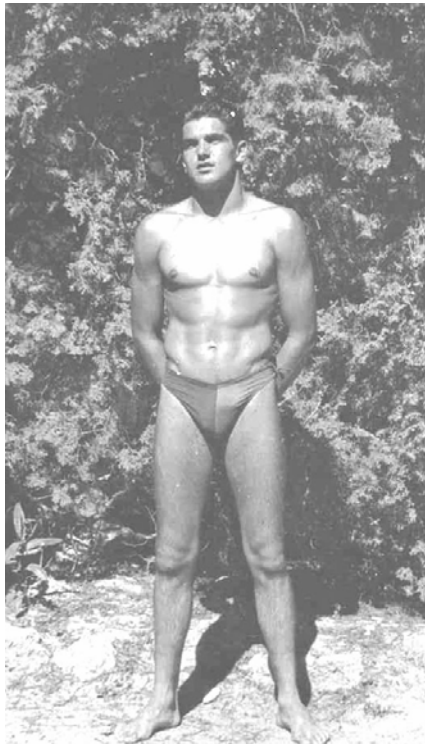
Talvez de maneira inconsciente, por disseminar histórias violentas e por se vangloriar de fazer parte de um grupo onde ser forte e brigão é uma marca registrada, o grupo de Pólo Aquático tenha criado a necessidade de o indivíduo representar essas características do “jogador de Pólo Aquático” para ser aceito. Ter um comportamento agressivo; deixar-se levar por emoções intempestivas que podem chegar a agressões e brigas, e aceitar isso como uma norma; ser másculo em atitudes onde nem sempre esta seria a melhor saída; ter objetivos comuns quanto ao esporte (como, por exemplo, torná-lo popular); ter valores semelhantes, que indicam a direção que todos no grupo devem seguir; tomar atitudes para que os objetivos do grupo sejam alcançados podem ser exemplos das características que o membro do grupo de Pólo Aquático tem de desenvolver para ser considerado um “de dentro”.

Como foi apontado por Mills (1970), atitudes individuais muitas vezes podem ser oriundas de atitudes comuns para os membros de um grupo. Assim, os “de dentro” podem chegar até a validar como normais atitudes repudiadas pela sociedade como um todo. Para



manter a coesão de um grupo são necessários muitos esforços, sem os quais sua dissolução torna-se inevitável. No caso do Pólo Aquático, ser forte, ser másculo, ser “homem” para agüentar as agruras com as quais se defrontará no jogo tornam-se características valorizadas para que o grupo atinja seus objetivos. As pessoas que evidenciam possuir tais características são transformadas em ícones, em heróis, figuras importantes para que tanto os “de dentro” quanto os “de fora” reconheçam a imagem idealizada com a qual o grupo se identifica. No próximo capítulo, introduzimos a figura de um jogador que representa essa imagem para o grupo de Pólo Aquático, analisamos as relações que foram estabelecidas entre suas características pessoais e o mito da masculinidade, e acompanhamos as similitudes de sua trajetória com as etapas a serem cumpridas por um herói até atingir seus objetivos.

### CAPÍTULO III



*Aladar Szabo aos 20 anos*

### O MITO DA MASCULINIDADE

O esporte mundial sempre foi marcado pela supremacia masculina. Como são hoje conhecidos, os esportes datam em sua maioria no quarto final do século XIX e início do século XX. Um bom marco para facilitar a visualização do advento do esporte na era moderna é o reaparecimento dos Jogos Olímpicos, que, graças ao incentivo e dedicação do Barão de Coubertin, vieram a se tornar o maior evento esportivo do mundo.

Mesmo com as idéias de vanguarda de Coubertin, idealizando uma competição mundial com preceitos de paz e de igualdade, a mulher só chegou a 20% de participação em relação ao homem em 1972, nas Olimpíadas de Montreal, e até 1992 não chegava a 30%; nos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, que aconteceram em 1896,

em Atenas, não foi permitida a participação de mulheres, o que só ocorreu na segunda edição, em Paris, onde compareceram apenas seis atletas.

Percebe-se assim que a prática de esportes foi, durante muito tempo, um privilégio dos homens, o que possivelmente explica a continuação do domínio masculino, mesmo após a entrada das mulheres. Alguns esportes conseguiram quebrar tal barreira, sendo praticados por ambos os sexos sem qualquer tipo de preconceito: é o caso do vôlei, do basquete, da natação etc. No Brasil, certos esportes continuam bem atrelados ao masculino. Ainda se observa uma resistência ao fato de mulheres praticarem determinadas modalidades, como futebol e Pólo Aquático. Não é socialmente corriqueiro ver uma menina jogando futebol, ao invés de brincar de boneca. Os estereótipos e preconceitos, mesmo que atenuados, ainda se mantêm vivos em nossos pensamentos.

No Pólo Aquático brasileiro, a supremacia masculina ainda é avassaladora. Prova disso é o fato de no Rio de Janeiro, atualmente tetra-campeão brasileiro de Pólo Aquático masculino com o Fluminense F. C., não ser realizado um campeonato carioca feminino há pelo menos oito anos. Outro exemplo é a composição de sócios do Clube Tatuí, que faz parte da história do Pólo Aquático no Brasil e merece uma atenção especial.

O Clube Tatuí, cujo principal objetivo é congregar ex-jogadores, jogadores, técnicos, ex-técnicos, enfim, qualquer pessoa que tenha afinidade com o Pólo Aquático, foi criado em agosto de 1948, quando atletas do Botafogo, que se reuniam em sua sede, conhecida como Mourisco, foram convidados pelo professor Varady, da Escola Naval, para treinarem junto com a equipe da mesma. Para muitos, o treino não era importante; a atração era o lanche oferecido aos atletas após o exercício. O ônibus da Escola Naval que levava e trazia esses atletas fazia ponto na Avenida Beira-Mar, e nesse local surgiu o nome do clube, devido a abundância de tal crustáceo na areia. A primeira reunião do Clube, que não tem sede própria, aconteceu no extinto Bar Alpino, no Leme, em 12 de agosto de 1952.

Até hoje as reuniões se realizam anualmente. Na última, no dia 25 de agosto de 2001, pela primeira vez foi abordada a questão da entrada de jogadoras de Pólo Aquático, pois até então as reuniões eram restritas aos homens.

De fato, o Pólo Aquático feminino começou a ser praticado tardiamente no Brasil: em 1986, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e no mesmo ano, em São Paulo, no Clube Atlético Paulistano. E os sócios do Clube Tatuí levaram mais 15 anos para colocar em pauta a discussão sobre a entrada de mulheres! Além disso, o que foi deliberado é que somente entrariam no Clube as jogadoras que constassem em uma lista previamente enviada à presidência, que autorizaria a entrada no dia da reunião. A decisão de aceitar tal mudança pode ter sido provocada pelo constrangimento, já que a votação foi aberta, devendo levantar o braço aqueles que eram contrários. Ora, quem iria, no meio de dezenas de homens, dizer que não queria o ingresso de mulheres? Tal pessoa poderia correr o risco de ser atacada com piadas! Talvez, se a votação fosse secreta, surgissem mais votos contrários à presença de mulheres.

Muitas vezes, por causa do forte estereótipo social imposto aos homens, eles se vêem coagidos a tomar atitudes que vão de encontro aos seus desejos, agindo de acordo com uma improvável compreensão biológica de sua existência (Nolasco, 1995a). Mas o sentimento de identidade masculina não é adquirido exclusivamente de forma espontânea, através da maturação biológica. Além deste fator, ele é um estado artificial que o menino deve conquistar. Para tal, deve seguir o caminho já percorrido por seu pai, e demonstrar sua passagem para o mundo dos homens. Testes lhe são apresentados a todo momento, para que, ao vencê-los, consiga atingir seu objetivo. Dentre as expectativas masculinas tradicionais, destaca-se a capacidade de usar a força física, o que naturalmente leva à demonstração de virilidade. A aquisição da masculinidade se faz necessária para que os meninos consigam adentrar no grupo, muitas vezes passando por situações de humilhação,

dor, injúria. Com isso, atitudes violentas podem tornar-se inerentes ao contexto, transformando o sentimento em ação.

Segundo Nolasco (2001), a masculinidade pode ser buscada de diversas formas. Nas sociedades guerreiras, o vigor estava sempre relacionado à força física; o seu uso contínuo, excesso e dano eram tidos como referências do valor de um homem. A esses atributos foram atreladas a disciplina e a coragem. Os níveis de tensão experimentados por um homem são convertidos, em seu cotidiano, em exigências que, sem controle, poderão levá-lo a buscar cada vez mais formas de escoá-las. Aos meninos é sempre pedido que demonstrem força física, que sejam líderes e preparados para viverem sozinhos. Porém, quando crescem, acabam por acreditar que a tensão é inerente ao estilo de vida de um homem, e que a agressividade e a violência são a melhor maneira de expressá-la.

Portanto, de acordo com Nolasco (1995a), o mito da masculinidade vem sendo construído em cada indivíduo desde o seu nascimento. Quando uma mulher vai dar à luz, ou mesmo antes disso, nas ultra-sonografias realizadas por ocasião dos exames pré-natais, uma das preocupações (senão a maior) é a do sexo do bebê. Durante a evolução da criança, os meninos são instigados a falar sobre sexo, na maioria dos casos como maneira de certificar-se de que reproduzirão o modelo de comportamento para eles determinado. Os padrões tradicionais consolidados pelo modelo patriarcal exigem sempre uma relação de confronto: um ataca, outro defende; alguém ganha, outro perde. Com essa perspectiva de relação, estabelece-se uma intrínseca aproximação com a competitividade, criando a crença de que atitudes combativas e agressivas são adjetivos próprios dos homens.

No capítulo anterior, vimos que ser forte, ser másculo, ser “homem” são características valorizadas para que o grupo de Pólo Aquático construa sua identidade e atinja seus objetivos. Nesse sentido, podemos inferir que existe uma intrínseca relação desse esporte com o mito da masculinidade, definido por Nolasco (1995a) como uma

representação social que é construída desde a infância, tornando-se quase uma regra a ser obedecida pelos homens. Talvez (ou também) por esse motivo, aquelas características do “jogador de Pólo Aquático” tenham se tornado o “norte” a ser seguido pelo pequeno grupo de praticantes desse esporte, e figuras como a de Aladar Szabo sejam vistas como a encarnação dessa projeção.

### **3.1 – Aladar Szabo**



É normal e compreensível encontrar divergências quando se procura listar os melhores jogadores do Pólo Aquático brasileiro, em seus cem anos de existência. Nomes como os de Márvio Kelly, Pinduca, João Gonçalves, Castelo Branco, João Daniel, dentre outros, ocupam lugar de destaque e são sempre lembrados. No entanto, um jogador foi apontado pela unanimidade de nossos entrevistados: Aladar Szabo. Na memória dos que o viram jogar, seu arremesso muito forte e de técnica superior aos outros jogadores brasileiros da época marcou de forma indelével o Pólo Aquático nacional. Para aqueles, como nós, que apenas ouviram o relato de suas façanhas, sua figura era a de um herói inatingível, principalmente para aqueles que estavam se iniciando no esporte. As fantasias aumentavam na medida em que não tínhamos registro em vídeo ou filme desse atleta; assim, o que existia em nossas cabeças eram imagens quase gigantescas que construíamos a partir do relato dos mais velhos.

A memória, portanto, foi crucial para a construção desta seção do estudo, já que um percentual significativo dos dados levantados foi obtido através de entrevistas, das quais o pesquisador recortou traços que terminaram por compor a figura do biografado<sup>3</sup>. E sabemos que, muitas vezes, selecionamos em nossa mente apenas o que nós interessa lembrar, ou algo que serviu de alicerce para a construção de algum conceito ou atitude.



*“Um pai carinhoso”,  
assim disse Isabela*

Como ensina Le Goff (1996),

*“A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (p. 423)*

Assim, convém ressaltar que os dados que a seguir serão apresentados sobre a vida de Aladar Szabo não têm a menor pretensão de chegar à verdade no sentido positivista. Estaremos lidando principalmente com memórias, sentidos e representações construídos pelos membros do grupo de Pólo Aquático, que vêem em Szabo um forte símbolo de sua

---

<sup>3</sup> Para tanto, além das entrevistas realizadas com jogadores, ex-jogadores, técnicos e dirigentes ligados ao Pólo Aquático brasileiro, foi muito relevante o contato do pesquisador com a filha de Aladar Szabo do seu segundo casamento com Isabel. Além do depoimento que nos concedeu, Isabela Szabo colocou à nossa disposição uma considerável quantidade de recortes de jornais com matérias sobre a carreira de Szabo, especialmente no período em que esteve no Brasil, e entrevistas por ele concedidas à imprensa, que podem ser vistas no anexo 3.

identidade. O próprio pesquisador, por ser “de dentro”, internalizou essa memória coletiva, e a adoção de um posicionamento distanciado e o menos tendencioso possível foi uma tarefa que exigiu sua vigilância constante durante o desenvolvimento da pesquisa.

Aladar Szabo nasceu na Hungria, em 15 de março de 1933, na cidade de Eger. Seu pai, que tinha o mesmo nome, era militar; sua mãe, Petheo Irene, dona-de-casa. O pai queria que ele fosse padre; a mãe, que ele fosse pianista. Porém nenhuma dessas intenções foi acatada por Szabo. Quando saía do seminário não ia para a casa da professora de piano; fugia e ficava nadando por seis horas no clube. Aos 17 anos abandonou o seminário, e logo depois as aulas de piano, mas da piscina nunca mais conseguiu se afastar. Já era então campeão europeu de natação, recordista juvenil com 57.8s nos 100 metros nado livre. E integrava a equipe húngara de sênior, no revezamento 4 x 100.



*Os pais de Aladar Szabo:  
O lutador Aladar e a mãe Petheo Irene*



*Primeiras braçadas*

Jogando Pólo Aquático em seu time, o Vasas, desde os 15 anos começou a se apaixonar pelo esporte. Em 1952, devido aos seus potentes chutes, foi convocado como reserva da seleção húngara, que se sagrou campeã olímpica, e integrou o revezamento 4x200 livre. Logo ele iria firmar-se na equipe húngara, onde atuou de 1952 a 1956, ainda na categoria júnior que corresponde ao jogador ter entre 18 e 19 anos.





*O começo de sua carreira*

Ao deixar a Hungria, devido a problemas políticos que aconteciam naquele país Szabo fugiu para a Itália, onde encontrou uma equipe de Pólo Aquático em ascendência, tanto que havia sido Medalha de Ouro em Londres (em 1948) e iria sagrar-se campeã olímpica também em Roma (em 1960). Outro fator que o levou a escolher a Itália teria sido a peculiar alegria de seu povo, como afirma Eduardo Abla (ex-jogador de Pólo Aquático e amigo de Szabo), em sua entrevista.

Em reportagem publicada no *Jornal da Tarde* de 20 de abril de 1972, o próprio Szabo relata o momento da fuga: “estava no saguão do Hotel Parker, em Nápoles, corri para a porta giratória e pulei na cabine de um caminhão que já me aguardava”.

Na Itália, atuou no Rari Nantes, de Nápoles, e tornou-se atração do Pólo Aquático local. Jogou as temporadas de 1957 e 1958, e por seu desempenho recebeu convites de diversos outros países para neles atuar como jogador. Também a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) o convidou, por intermédio de João Havelange, ex-jogador do Fluminense e integrante da seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952. Havelange, por nós entrevistado, relatou que ouvira falar de um excelente jogador húngaro que estava atuando na Itália; ele nunca havia assistido Szabo jogar, mas tinha interesse em trazer alguém que pudesse enriquecer o Pólo Aquático do Fluminense.



*Time em que Szabo atuou na Itália*

De acordo com Eduardo Abla, Szabo teria vindo para o Brasil por ter se envolvido em uma briga de trânsito com o delegado da cidade de Nápoles . Vendo a possibilidade de ser preso, preferiu sair da Itália. A escolha de nosso país se deu em função de ter ouvido falar dos predicados do povo brasileiro (um povo alegre, belas mulheres, carnaval) e por ter visto Garrincha atuar, na Hungria. E, realmente, o Botafogo realizou muitas excursões pela Europa na década de 50. Ruy Castro, em seu livro *Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha* (1995), confirma que o Botafogo jogou na Hungria, no dia 22 de abril de 1956, contra um time local chamado Honved-Kimitz – que, curiosamente, venceu de goleada o time da “Estrela Solitária”, com Mané Garrincha e tudo, por 6 a 2.

No jornal *O Globo* de 30 de maio 1959, Szabo declarou que, além do Brasil, havia recebido convites para dirigir equipes de Pólo Aquático na Grécia, na Índia e na Tunísia; mas dois amigos seus, Vinícios e Del Vecchio, jogadores de futebol da equipe do Nápoles, falavam tantas maravilhas sobre as belezas do Brasil que Szabo optou por aceitar seu conselho e vir para cá.

Nessa mesma entrevista a *O Globo*, Szabo explica por que resolveu sair da Itália: uma lei italiana impedia que jogadores estrangeiros atuassem nas equipes esportivas locais; como tirar outro visto demoraria alguns meses, e obter uma naturalização levaria cinco anos, preferiu ir para outro país.

Observe-se as discordâncias entre as narrativas de Eduardo Abla e de Szabo. Os

motivos da preferência de Szabo pelo Brasil, como descritos por Abla, talvez demonstrem a tentativa de mostrar a atração de um europeu por traços da cultura brasileira, que no caso estaria representada pela alegria, pelo carnaval e pelas belas mulheres. Tais peculiaridades na personalidade de Szabo vão ser narradas por muitos dos nossos entrevistados; se não são verdadeiras, possivelmente ajudaram a criar a imagem de um homem estrangeiro com “espírito brasileiro”, tornando-o simpático mesmo para aqueles que não o conheceram.

Aladar Szabo chegou ao Rio de Janeiro em 1959, pelo navio “Conte Grande”, sendo recebido por Edson Perri, que futuramente seria seu técnico na seleção brasileira e no Botafogo. Na entrevista que nos concedeu, Perri revelou que acreditava que Szabo veio com a intenção de não voltar, devido à quantidade de malas que trouxe. Perri foi obrigado a chamar um táxi, pois as malas todas não couberam em seu carro.<sup>4</sup>

Mais tarde Szabo foi apresentado ao Fluminense, que detinha a melhor equipe de Pólo Aquático da época. Szabo deveria apenas dirigi-la; porém, devido à sua exemplar forma física, acabou por integrá-la como jogador, permanecendo em Laranjeiras( sede do Fluminense) de 1959 a 1961.

---

<sup>4</sup> A chegada com malas é um interessante episódio, porque lembra a imagem de Charles Miller “fundando” o futebol brasileiro com suas malas e bolas, fato conhecido dentro da historiografia do futebol brasileiro.

### 3.1.1 – Aladar Szabo e o Pólo Aquático no Brasil



*CAMPEÃO SUL-AMERICANO 1965*

*Esquerda/Direita (em pé): HILTOM, NEY, IVO, POLÉ, SZABO, PINCIROLI, OSVALDO  
(agachados): JOÃO, LIMINHA, LUIS DANIEL, MARVIO, ARNALDO*

Cabe registrar como se encontrava o panorama esportivo do Pólo Aquático no Rio de Janeiro, no momento da chegada de Szabo ao Brasil. O Fluminense F. C. havia montado um time que por diversos anos dominou a história do Pólo Aquático brasileiro: de 3 de fevereiro de 1952, com a vitória sobre a Associação Desportiva Floresta, até o dia 21 de outubro de 1961, quando foi derrotado pelo Botafogo por 2 x 0.

Diversos jornais acompanharam a trajetória tricolor nesse período, principalmente dando cobertura ao fatídico jogo de outubro de 1961 entre Fluminense e Botafogo, encerrado prematuramente depois que a equipe do Fluminense deixou a piscina por sentir-se prejudicada pelo árbitro da partida, Almerídio Brandão. Através de recortes de jornais pertencentes aos acervos particulares da família Szabo e de alguns de nossos entrevistados, foram levantadas as seguintes reportagens (alguns dos recortes não traziam o nome do periódico ou a data da publicação):

“Botafogo quebrou invencibilidade do Fluminense: jogo não acabou – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 out. 1961.

“Water-Pólo: 2 x 0 Botafogo acabou com reinado do tricolor” – *Última Hora*, Rio de Janeiro, 23 out. 1961.

“Primeira derrota tricolor em nove anos” – *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 out. 1961.

“Tempo quente no Guanabara” – [s.n., s.d].

“Vitória sensacional” – *O Globo*, Rio de Janeiro, [s.d.]

“Depois de nove anos, perde o Fluminense” – [s.n., s.d].

Muitas outras reportagens encontradas pontuam algumas das 104 partidas em que o Fluminense ficou sem perder, infelizmente sem trazer a data e/ou o nome do periódico:

“Flu é Hepta no Pólo Aquático” – [s.n., s.d].

“Campeão pela nona vez o Fluminense” – [s.n., s.d].

“Flu conseguiu 86ª vitória e o Vice-campeonato” – [s.n., s.d].

“Campeão invicto o Fluminense F. C. com 86 partidas” – [s.n., s.d].

“87 partidas invictas” – [s.n., s.d].

“Flu completou 91 jogos invictos” – [s.n., s.d].

“Fluminense tenta o penta-campeonato” – *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, [s.d].

“Tentará amanhã o Fluminense sua 100ª partida invicta” – [s.n., s.d].

“Invicto em 101 jogos e penta-campeão do Rio São Paulo o Fluminense” – [s.n., s.d].



*A gloriosa equipe de pólo aquático do Fluminense, bi-campeã carioca invicta de 1953-1954. De baixo para cima: Dr. Aarão Gordon, Diretor Geral de Esportes Aquáticos, jogadores Marvio, Grijó, Everardo, Sergio, Sylvio, Alijó e Amaury, e o técnico Paulo Costoli.*

Como vemos, espaço na mídia o Pólo Aquático tinha, pois todas essas reportagens, colhidas nos acervos particulares da família Szabo e de alguns de nossos entrevistados, possivelmente não correspondem ao total de matérias que circularam sobre o assunto na época.

Everardo Cruz Filho (ex-atleta de Pólo Aquático e integrante da seleção brasileira de 1952) participou da equipe do Fluminense no período em questão, e comenta que um outro fator importante para a hegemonia do time foi a influência do treinador italiano Paolo Costoli, que trazia em sua bagagem uma enorme experiência em esportes aquáticos. Graças a Costoli, os métodos de treinamento, a tática, a técnica, enfim, o estilo de jogo, foram completamente alterados. Outros exemplos das novas formas de treinamento introduzidas por Costoli foram os treinos com bola simulando situações de jogo, e a aproximação do Pólo Aquático com a natação. Anteriormente, nada disso era feito; os treinamentos eram praticamente reduzidos aos treinamentos em conjunto: “coletivos”.

Sob o comando de Costoli, o Fluminense era um time rápido, de muita movimentação e arremessos. Antes dele, os arremessos eram em “gancho”, infinitamente inferiores se comparados aos arremessos de hoje (semelhantes aos de handebol). Essas

contribuições de Costoli foram de grande importância não apenas para o Fluminense; posteriormente, outros clubes acabaram também por incorporá-las.

Além dos resultados dos campeonatos cariocas, alguns deles registrados nas reportagens acima apresentadas, onde a equipe do Fluminense permaneceu invicta de 1952 a 1961, obtendo o primeiro lugar e sendo o time que mais títulos conquistou até hoje, outro fato nos ajuda a evidenciar o destaque do Pólo Aquático do Fluminense naquela época: na constituição da seleção brasileira, por volta de 1952, com a exceção de Hiltom de Almeida, jogador do Vasco da Gama, todos os outros atletas eram do Fluminense.

Ao sair do Fluminense, Szabo transferiu-se para o Botafogo em 5 de outubro de 1961. É curioso ressaltar que no jogo de 21 de outubro de 1961, quando o Fluminense perdeu sua invencibilidade e terminou por retirar-se da partida, Szabo marcou os dois gols que deram a vitória ao Botafogo. E pelo clube da “Estrela Solitária” ele conquistou o campeonato de 1965.

NOME ALADAR SZABO		MATRÍCULA 16	
BOTAFOGO F. R.		DEPARTAMENTO TÉCNICO	
FICHA DE ATLETA			
Sect. WATER-POLO		Nascido Em: 15 de Março de 1935	
Nacionalidade Brasileira		Naturalidade	
Est. civil Casado		Admissão no C. Social 5 / 10 / 61	
Nome do Pai Aladar Szabo		Nome da Mãe Fátima Irene	
Residência Rua São Salvador 99 apt. 803		Bairro	
Profissão Comerciante		Outro endereço Rua Visconde de Juliana 134	
Data de Registro na Entidade		Data de Inscrição	
Reservista		Categoria	
Identidade N.º		Cart. profissional N.º	
Passaporte			
OBSERVAÇÕES :- Transferido do FLUMINENSE F.C. para o BOTAFOGO F.R. em 10/9/61			
Concedido pela Fluminense (1961) 1964 em virtude de ser ex-Seleção Brasileira			
Kilômetros (1961) - 52			
Renovado 68/69			

Ficha de cadastro do atleta Aladar Szabo no Botafogo F.R.

WATER-POLO					
DATA	JOGO	RESULTADO	POSICAO	OBSERVAÇÕES	
17.2	Botafogo x Fluminense	0 x 1	OGG	T.C.C.	
17.3	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
22.3	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
23.3	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
24.3	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
25.3	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
26.3	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
27.3	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
28.3	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
29.3	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
30.3	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
31.3	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
1.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
2.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
3.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
4.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
5.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
6.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
7.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
8.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
9.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
10.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
11.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
12.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
13.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
14.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
15.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
16.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
17.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
18.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
19.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
20.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
21.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
22.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
23.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
24.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
25.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
26.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
27.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
28.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
29.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
30.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
31.4	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
1.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
2.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
3.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
4.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
5.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
6.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
7.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
8.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
9.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
10.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
11.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
12.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
13.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
14.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
15.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
16.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
17.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
18.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
19.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
20.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
21.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
22.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
23.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
24.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
25.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
26.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
27.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
28.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
29.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
30.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
31.5	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
1.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
2.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
3.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
4.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
5.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
6.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
7.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
8.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
9.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
10.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
11.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
12.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
13.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
14.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
15.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
16.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
17.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
18.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
19.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
20.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
21.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
22.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
23.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
24.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
25.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
26.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
27.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
28.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
29.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
30.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
31.6	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
1.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
2.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
3.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
4.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
5.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
6.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
7.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
8.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
9.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
10.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
11.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
12.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
13.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
14.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
15.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
16.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
17.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
18.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
19.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
20.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
21.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
22.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
23.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
24.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
25.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
26.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
27.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
28.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
29.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
30.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	
31.7	Botafogo x Fluminense	0 x 0	0	0	

Nesta ficha, todos os jogos em que Szabo participou pelo Botafogo. -na íntegra, no anexo 3.

Assim, Szabo estava no Botafogo quando obteve sua convocação para integrar a seleção brasileira que disputaria o Pan-americano de 1963 e os Jogos Olímpicos de 1964, em Tóquio, já que tinha conseguido sua naturalização dois anos antes.

Desde a primeira edição dos Jogos Pan-americanos, em 1951, a Argentina e os EUA obtinham os melhores resultados. Com a presença de Szabo, a expectativa era a de que o Brasil em 1963 poderia chegar ao título. E, realmente, sendo responsável pela maioria dos gols de nossa equipe (24 gols), Szabo ajudou a conquistar o tão sonhado campeonato. A euforia se fez ainda maior porque no ano seguinte aconteceriam os Jogos Olímpicos de Tóquio. Quatro anos antes, nas Olimpíadas de Roma, o Brasil não havia conseguido a naturalização de Szabo para que o mesmo disputasse os Jogos de Roma. Agora, a imprensa, incentivada pela conquista do Pan-americano, podia acreditar em uma colocação melhor que a de Roma, onde fomos eliminados na primeira fase.

Após a conquista do Pan-Americano, atribuiu-se a Szabo a maior parte dos louros pela vitória. Szabo já era então um ídolo do Pólo Aquático brasileiro, um atleta que, segundo os relatos, dava motivos para lotar as arquibancadas das piscinas. No curto período em que figurou na seleção brasileira, ajudou a conquistar dois títulos Sul-americanos e o único Pan-americano conquistado por nós até hoje, em 1963, em São Paulo. E assim sua história ficou eternizada na memória do Pólo Aquático nos arquivos esportivos brasileiros.



### 3.1.2 – Aladar Szabo e o Mito da Masculinidade



*O seu porte físico e suas atitudes ajudaram a criar o mito.*

As façanhas de Szabo que são comentadas pela mídia e pela comunidade do Pólo Aquático brasileiro precedem, como será visto, a sua vinda para o Brasil. O curioso, do ponto de vista acadêmico, é a intrínseca relação dessas histórias com as características apontadas na Seção 2.2 deste trabalho, que ajudaram a criar o estereótipo do “jogador de Pólo Aquático” (virilidade, força, agressividade, ser brigão, ser mulherengo...). Nesta parte do estudo, veremos como essas representações vão se encaixando dentro do perfil que Szabo possuía e/ou do perfil que lhe foi sendo atribuído, tornando-o um ícone do Pólo Aquático nacional, uma encarnação do mito da masculinidade que durante décadas construiu e consolidou a identidade do jogador de Pólo Aquático brasileiro.

Mas o que seria um mito? Segundo Campbell (1999), em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido, buscando viva inspiração em todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanas. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta entre o cosmos e as manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do

homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia, e os próprios sonhos que nos povoam o sono, surgem do círculo básico e mágico do mito.

Muitas vezes, quando usamos a palavra mito, emprestamos a ela um significado de mentira, de falácia: “isso não é verdade, é um mito”. Porém, o mito corresponde à crença de um povo, do conjunto, da comunidade, da coletividade – por isso ele se torna verídico para o povo que o reconhece. O mito sobrevive num povo não por ser a verdade, mas por refletir um aspecto real desse mesmo povo, e até de todos nós (Feijó, 1985).

A pessoa que encarna um mito afasta-se do comum dos mortais; ela se mantém fiel a ela mesma; ela tem a coragem de ser o que é. Podemos reconhecer algumas dessas características na trajetória de Aladar Szabo? Este homem, que encarna o mito da masculinidade e se apresenta como um modelo para aqueles que desejam tornar-se parte integrante do grupo de Pólo Aquático, teria sido realmente violento? Agressivo? Brigão?

Para tentarmos responder a essas perguntas, temos que considerar, de um lado, que, como foi visto na Seção 2.2, desde a chegada do Pólo Aquático ao Brasil era comum atrelar esse esporte e seus jogadores a uma faceta agressiva e violenta. Isto pode ser exemplificado pela reportagem de 22 de outubro de 1961 de *O Globo*. Nessa matéria, onde fica evidente o imaginário dos “de fora” sobre o Pólo Aquático e seus praticantes, o repórter comenta aquele conturbado jogo em que ocorreu uma briga entre os times do Botafogo (onde Szabo começara a jogar) e do Fluminense, que vinha há nove anos sem perder. O curioso é que o repórter, que se diz inveterado e irrecuperável torcedor de futebol, tenta imaginar o que ocorreu na piscina do Guanabara, uma vez que não esteve lá; para tanto, confiava na sua imaginação! A seguir apresentamos algumas passagens dessa crônica, que vem apresentada na íntegra no Anexo 3 .

Como vemos, embora de maneira sarcástica, o esporte é retratado pelo jornalista como sendo extremamente violento:

*“Water Pólo é um esporte engraçado: por cima d’água tudo é muito tranqüilo, mas por baixo os jogadores usam mais as pernas para darem sarrafadas com mais violência que o Joubert. [...] De vez em quando o juiz pára a partida para contar os jogadores, e sempre faltam alguns. Aí desce um escafandrista para recolher os corpos estraçalhados. [...] E sabe lá o que é levar uma ‘gravata’ dentro d’água? Glub! Glub! Glub! [...] E é um tal de rasgar calção que não acaba mais! Que vexame! As rouparias dos clubes fornecem durante um jogo uns oitenta, para cada craque. É por isso que o São Cristóvão não disputa o campeonato de Water Pólo.”*

Por outro lado, a vida de Szabo tem passagens que expõem sua agressividade de maneira muito clara. Ele mesmo comenta, em matéria publicada no *Jornal da Tarde* de 20 de abril de 1972: “Se eu tinha razão, discutia com calma; porém, se perdia a paciência, batia e pronto.” E diversas outras reportagens estabelecem a relação de Szabo com uma imagem de violência:

“Tempo quente no Guanabara” – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 out. 1961.

“Water Pólo é fogo!” – *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 out. 1961.

“Agressão e sangue na piscina” – *Revista do Esporte*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1962.

“Fluminense saiu do torneio por medo de Szabo” – *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1962.

“A violenta história de Szabo” – *Jornal da Tarde*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1972.

“Era bom de bola e de briga” – *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 out. 1982.

Segundo Eduardo Abla, a entrada definitiva de Szabo na seleção húngara deu-se

após o seguinte episódio, a ele narrado pelo próprio jogador. Durante um jogo-treino na seleção, Szabo foi mantido submerso por um tempo exagerado. Para livrar-se, apoiou-se no fundo da piscina e subiu violentamente contra seu opressor, mordendo-lhe a orelha, o que ocasionou sangramento. O técnico, ao ver tal atitude de coragem, percebeu que, além de seus dotes técnicos, Szabo demonstrava muita virilidade.

Ao recontar tal história, Eduardo Abla demonstra a preocupação de lembrar de um motivo, para além das capacidades técnicas, para justificar a entrada de Szabo no selecionado húngaro: sua virilidade e agressividade teriam sido fundamentais. Pode-se observar que esta história está carregada de significados míticos sobre o personagem e sobre o esporte. Um dos mitos do Pólo Aquático, e também do esporte em geral, são as idéias de virilidade e agressividade, que se confundem com a imagem do masculino. Szabo tem sua entrada triunfante na seleção húngara encarnando o mito de um esporte; assim, o personagem apresenta sua façanha heróica ao personificar o mito da masculinidade.

Esta passagem demonstra como o inconsciente dos homens procura atrelar atitudes do “macho” ao seu cotidiano. De algum modo, um valor cultural é acionado, permitindo-lhes envolver-se em situações de violência na esfera pública. Por outro lado, espera-se o contrário de uma mulher!

Possivelmente a dentada de Szabo em seu adversário não foi o fator crucial para incluí-lo no selecionado húngaro de Pólo Aquático. A Hungria possuía uma tradição de boas equipes e de conquistas nesse esporte, seu escrete sempre esteve muito bem representado.<sup>5</sup> Então, é de se supor que a escolha de um jogador ainda júnior para integrar

---

<sup>5</sup> Para evidenciar a importância de se jogar numa seleção de Pólo Aquático como a da Hungria, levantamos as participações húngaras em Jogos Olímpicos .

\*1932 - LOS ANGELES

Apesar de ter participado de algumas edições anteriores do Jogos, a Hungria conquistou sua primeira Medalha de Ouro apenas em 1932. As dificuldades de transporte dificultaram e reduziram a participação dos países: apenas cinco compareceram, sendo somente duas de nações européias

a seleção indicava a existência de algum outro valor. O técnico deve ter optado por convocar Szabo muito mais por ser uma jovem promessa e ter boa técnica, mas a narrativa prioriza a virilidade como sendo crucial para a decisão.

O interessante nesse contexto é perceber que a atitude agressiva ficou marcada na memória de Eduardo Abla. Tal fato pressupõe possíveis representações da realidade, características peculiares da memória, que é seletiva, e talvez traduza o mito de masculinidade que o jogador de Pólo Aquático encarna.

Nas entrevistas que realizamos com os ex-jogadores Eduardo Abla, Armando Caetano, Ítalo Costa, Aluísio Marsili, José Roberto Haddock Lobo, João Gonçalves, Edson Perri e João Havelange, quase todos narram episódios ou ajudam a corroborar a condição de Szabo como o melhor jogador no Brasil que eles viram jogar. Carlos Carvalho, Solon dos Santos, Mário Souto, Luís Silva, André Raposo e Reinaldo Nunes são jogadores e ex-jogadores que também apontam Szabo como o melhor jogador de todos os tempos no Brasil, embora nunca o tenham visto em ação. É fácil perceber que este último grupo de entrevistados foi persuadido por histórias que outras pessoas viram e ouviram, e também incorporaram a figura de Szabo como sendo o melhor. Onde estaria o parâmetro de comparação? Provavelmente no imaginário de cada um!

---

(Hungria e Alemanha). As outras equipes que participaram foram: Estados Unidos, Japão e Brasil. A Hungria se sagrou campeã.

\* 1936 - BERLIM

Participaram dezesseis equipes. A Hungria conquistou mais uma vez a Medalha de Ouro.

\* 1948 - LONDRES

Após a guerra, os Jogos Olímpicos foram retomados. A competição de Pólo Aquático contou com a participação de dezoito equipes, sagrando-se campeã a Itália.

\* 1952 - HELSINKI

Vinte e uma equipes participaram. A Hungria retomou a liderança e conquistou mais uma Medalha de Ouro.

\* 1956 - MELBOURNE

A Hungria levou novamente a Medalha de Ouro, após vencer a Iugoslávia.

Cabe ressaltar que atualmente a Hungria ainda ocupa um lugar de destaque, tendo conquistado diversas Medalhas de Ouro: 1964 – Tóquio, 1976 – Montreal, e duas de Medalhas de Prata: 1968 - México e 1972 - Munique. Em 2000, sagrou-se campeã pela sétima vez.

Não cabe a este estudo decidir se Szabo foi realmente o melhor, mas mostrar como se manteve viva a memória desse ídolo, através de seus feitos – verídicos ou não.

Além de haver chegado ao Brasil com um nível técnico muito superior ao dos brasileiros que então praticavam Pólo Aquático, a constituição física de Szabo em muito contribuiu para criar a mítica em torno do seu nome. Conversando com pessoas que tiveram uma ligação moderada com ele, verificamos que era comum que aumentassem a sua estatura. Szabo tinha aproximadamente 1.86m e pesava entre 98 e 100 kg, mas, devido aos seus feitos, sua estatura chegava aos 2.00m, na memória de alguns entrevistados.

Também registramos a fratura de costelas, dentes e narizes por ele quebrados, em um número muito superior ao que possivelmente ocorreu. Dois fatos em que essas manifestações de agressividade estão bastante patentes nas narrativas dos entrevistados. O primeiro deles ocorreu quando Szabo, protegendo a bola durante uma jogada, acertou uma cotovelada e quebrou uma costela de Everardo Cruz Filho (vulgo “Correnteza”, apelido conquistado devido às muitas vezes em que Everardo se movimentava durante a paralisação imposta por uma interrupção no jogo). O outro caso muito lembrado foi uma cotovelada na boca do jogador Álvaro Pires, do Fluminense, que teve sua mandíbula quebrada, uma grande hemorragia e a necessidade de uma plástica bucal. Acredita-se que o primeiro episódio foi um lance casual, devido à maneira viril de se jogar Pólo Aquático. O segundo, porém, teria sido um ato intencional, como afirma José Roberto Haddock Lobo (ex-jogador e conselheiro da CBD), que presenciou o acontecido.

Diversas matérias de jornais também se referiram ao episódio:

“Szabo se defende: cotovelada em Álvaro foi acidente” – *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1962.



- na íntegra, no anexo 3.

“Agressão e sangue na Piscina” – *Revista do Esporte*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1962.

Nesta reportagem, Szabo diz que a cotovelada não foi por querer, teria sido um lance casual de jogo. Alega ainda que tudo foi uma armação do Fluminense para eliminá-lo do esporte, já que ele havia trocado o tricolor pelo alvinegro.

“Crise na seleção nacional: Técnico e jogadores recusaram” – *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, [s.d.]. Esta reportagem divulga que, devido à agressão de Szabo ao jogador do Fluminense, o conselho técnico da CBD havia votado pela não-convocação de Szabo para o Sul-americano de Antofagasta, no Chile; os jogadores e o técnico da seleção se opunham a essa medida.

“Estúpido o que pretendem com Szabo” – *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, [s.d.]. Reportagem sobre a pretensão de dirigentes de impor a Szabo um afastamento do esporte. No texto, chega-se a comentar sobre uma expulsão do País.

“Szabo será convocado pela CBD: maioria aprova, mas há reação” – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, [s.d.].

Outros dois episódios circulam até hoje no anedotário do Pólo Aquático nacional. O primeiro foi a quebra do travessão de uma baliza de treino. Este acontecimento foi relatado a Eduardo Abla pelo próprio Szabo, que o justifica dizendo que a bola de couro estava demasiadamente encharcada e pesada (já que era de couro, e não emborrachada, como atualmente), e a baliza não era tão nova. Mas não se tem notícia de alguém haver quebrado uma trave semelhante sob as mesmas condições. O segundo acontecimento é o mais famoso de todos e, segundo Abla, Szabo teria mostrado a ele recortes de jornal que comprovavam o feito: no Rio de Janeiro, onde existem dois clubes (o Clube de Regatas Guanabara e o Botafogo Futebol e Regatas), ambos no bairro de Botafogo e separados por uma avenida de aproximadamente 50m de largura, Szabo, de dentro da piscina, teria arremessado a bola de um clube para o outro. Somando-se aos 50m a distância entre a avenida e a piscina no interior dos clubes, a bola teria sobrevoado aproximadamente 100m!

É um exercício interessante relacionar a história de Szabo com o mito do Super-Homem. Em uma sociedade onde o homem cada vez mais perde sua individualidade, onde ele passa a ser apenas um número, onde organizações – políticas ou não – decidem por ele, onde os complexos de inferioridade afloram em muitas pessoas, é comum se deixar a imaginação deleitar-se com as proezas de alguém dotado de poderes inumanos. O Super-Homem veio de fora, tinha força superior aos seres normais, defendia sua nova comunidade contra o mal, e na maioria dos casos obtinha êxito. Outras semelhanças com Szabo ainda podem ser identificadas: 1) Szabo era europeu, húngaro, e é notório que a cultura brasileira valoriza os estrangeiros. E Szabo sabia disso, tanto que, quando Abla lhe perguntou por que, após tantos anos de Brasil, ele ainda conservava um sotaque muito



puxado e pronunciava errado algumas palavras de fácil pronúncia, Szabo respondeu que parecendo estrangeiro as pessoas tinham mais respeito por ele. 2) A vontade dos praticantes de Pólo Aquático de adquirirem suas habilidades e sua força, algo que não havia por aqui. 3) Seus feitos de difícil realização, vistos por poucos mas comentados por muitos, ajudaram a criar uma imagem de inigualável, que perdura até hoje. 4) Outra semelhança seria o fato de Szabo se tornar muito diferente ao entrar na piscina; fora dela vivia como um mero “mortal”, assim como o Super-Homem.

Vemos que a fama de violento e os episódios que realçam a força física e a habilidade esportiva só fazem justificar a representação que o grupo do Pólo Aquático brasileiro construiu de Szabo como um “homem de verdade”, que encarnaria o mito da masculinidade.

Nolasco (2001) estudou a relação do homem com a imagem do “homem de verdade”. Das entrevistas que realizou, destaca aquela em que o entrevistado expôs o seu conceito de homem, de verdade, calcado no padrão da masculinidade: “Só se é homem de verdade ao tratar o próximo como menos homem...” (p.78). Para representar-se socialmente, a subjetividade masculina sustenta-se no conceito de virilidade, de competição, de violência. O ter que vencer define um padrão social calcado em interações impessoais, restritas a encontros sociais e atitudes de competição. Como é construído e introjetado esse padrão?

Embora o sistema patriarcal em nossa cultura esteja muito enraizado na relação pai-filho, em nossa sociedade o envolvimento do pai com os filhos é de pouca intimidade. Assim, essa relação é retirada da idealização da representação masculina a ser seguida pelos meninos, e que corresponderia à do “homem de verdade”. Como exemplo, temos a relação com Deus, que é pai e está no céu, e cobra dos filhos obediência e fidelidade. Para o filho, este pai é alguém solitário e reservado quanto às suas experiências

pessoais, ou então superficial e prático, orientando para a ação e para a realização das tarefas.

Talvez as atitudes de Szabo, que serviram de espelho para um grupo, tenham sido extraídas de sua relação com o pai, num sistema patriarcal onde os meninos crescem sob os afagos da mãe e a competitividade e o distanciamento do pai. Em muitos dos casos, a forma que a agressão masculina assume provém desse mal de amor, gerado pela percepção de que entre os pais existe pouco amor e cumplicidade. O pai de Szabo, militar e lutador de luta greco-romana, embora quisesse que o filho fosse padre não lhe ensinava uma das principais atitudes cristãs, de virar a outra face. Era adepto do não levar desaforo para casa, e era isso o que ensinava a Szabo.

Não aceitar a derrota era outra das características de Szabo. Uma de suas frases ficou gravada no informativo da FARJ (Federação Aquática do Rio de Janeiro, 1985) sobre a II Copa Sears de Pólo Aquático, onde ele ratifica sua busca incessante pela vitória:

*“O treino é uma batalha, o jogo uma guerra, e o título do campeonato a vida ou a morte.”<sup>6</sup>*

Szabo comparou um jogo a uma guerra e, realmente, para o homem a relação com a guerra está muito próxima da representação da masculinidade. O esporte e a guerra por vezes se misturam, gerando uma relação de extrema violência e pouco apego aos princípios olímpicos pregados por Coubertin. Exemplos claros dessa mistura são o boicote dos países capitalistas aos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, e o boicote dos países socialistas aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984.

---

<sup>6</sup> Isso transparece na educação que deu à sua filha Isabela. Ela lembra que, durante as competições de natação das quais participava, o pai lhe dizia que não saísse da água sem o primeiro lugar, já que participar qualquer um poderia, mas ganhar, somente um. Mas Isabela comenta que sua relação com o pai era muito próxima, e que Szabo era um pai muito carinhoso, apesar de educá-la com padrões rígidos – como, por exemplo, ensinando-a a comer à mesa com livros colocados debaixo dos braços, para não abri-los durante as refeições.

No Pólo Aquático, temos uma associação marcante entre o esporte e a guerra. Em 1956, na fase final dos Jogos Olímpicos de Melbourne, o jogo entre Hungria e URSS, vencido com o placar de 4 x 0 pelo time húngaro, ficou conhecido como “o jogo da piscina sangrenta”. Este jogo tornou-se extremamente agressivo devido à raiva revelada pelos jogadores, pelo fato de o povo húngaro estar vendo seu país ser invadido pela antiga URSS. Os que assistiram ao jogo disseram que a água da piscina ficou vermelha de sangue.

Nolasco (1995b) também faz alusão à relação do homem com a guerra. Segundo ele, para que o soldado dispare o fuzil é necessário que as justificativas para a guerra na qual ele está inserido sejam convincentes. É preciso que ele delire para que mate, é preciso que ele não ouça suas entranhas para que, desta agressão para consigo mesmo, ele possa transformar-se em agressor. A guerra coloca os homens em contato com uma dimensão irracional deles mesmos. Com essa postura, o homem coloca o inimigo em uma cena imaginária que gere temor de aniquilamento. Acreditar nisso já é suficiente para a existência de um exército. A fantasia do aniquilamento pode de fato tornar-se um aniquilamento.

A guerra nos mostra que a irracionalidade masculina, travestida em juízo moral, ganha espaço na consciência dos homens, fazendo-os desempenhar o papel mais radical de sua identidade social. O compromisso individual com a agressão e a violência redundam no investimento social em direção às guerras, o que nos leva a pensar em um tipo de pressão que os homens exercem sobre suas próprias subjetividades.

Outro ponto inerente às guerras seria a obrigatoriedade de ganhar. Não existe outra hipótese: ou se ganha, ou perde-se a vida. Ao se incorporar o mito da masculinidade, atitudes agressivas ou violentas podem ser encobertas pelo pano de fundo desse pensamento. Esse mito, que Szabo encarna, reflete uma íntima relação com a guerra: usar

de subterfúgios para conseguir ganhar um partida, agredir o adversário para que o mesmo saia do jogo e com isso assegurar o caminho para a vitória, é algo que aparentemente não apresenta problema.

Segundo Nolasco (1995b), a agressividade que a guerra comporta é uma via de expressão para as emoções. A agressividade que a guerra comporta viabiliza, com o consentimento social, a possibilidade de os homens sentirem. Privados socialmente de todos os afetos de Eros, eles crescem acumulando e investindo esta energia, devotando-se a Thanatos. Deus grego associado à morte ou aos infernos, Thanatos era filho da noite e irmão do sono, tinha coração de ferro e corpo de bronze. Ter um corpo perfeito e guerreiro se apresenta como um indicador de masculinidade. As guerras levam os homens a coletivamente dividirem com a realidade para, a partir daí, comporem uma visão de mundo que faça parte de suas identidades e que absorva esse rompimento, não como loucura, mas como razão. O dogma da transformação da identidade dos homens ainda faz com que eles, em alguns aspectos, ajam como primatas.

Quando se referia ao esporte como uma guerra, Szabo possivelmente estava incorporando algumas das questões que aqui foram levantadas por Nolasco, e apoiava-se em tais referências quando lhe convinha utilizar-se da força para levar vantagem.

Dono de um corpo apolíneo, com uma forma física invejável, bonito, bom de briga, espírito guerreiro, Szabo detinha todos os atributos que o faziam um perfeito receptáculo para encarnar o mito da masculinidade. Somente a presença de Szabo bastava para causar medo em seus oponentes, ou em quem tinha ouvido falar em seu nome. Talvez suas atitudes se tornassem ainda mais exacerbadas quando se dispunha conscientemente a encarnar tal mito. Não é objetivo deste estudo desvendar a real personalidade de Szabo, porém é fato que essa fama lhe proporcionou inúmeras vantagens.

Essa imagem de Szabo foi sendo divulgada, até que tornou-se uma representação



ser relacionados com a trajetória descrita por Campbell, e que o caracterizariam como herói.

O herói passa por três etapas distintas para caracterizar a criação do monomito: separação, iniciação e retorno. Este percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada pelos rituais de passagem. Tais rituais podem ser considerados como a unidade nuclear do monomito, onde o herói separa-se do que entende por realidade, passa por terríveis dificuldades na iniciação e retorna à sua realidade já com os poderes divinos.

Todos os momentos da história do herói, e sua relação com as fases propostas por Campbell para a criação do monomito, são subjetivos e irão repetir-se diversas vezes na vida do herói, mantendo-o em uma aventura sempre diferente e sem ter a promessa do final feliz. E, como será visto, durante toda a história de Szabo a ele são apresentados diversos problemas; a cada vez, ele deve transpor a unidade nuclear para fechar o ciclo.

**Separação.** Um erro aparente, ou o acaso, revela ao indivíduo o mundo, e ele entra em uma relação de forças que não compreende plenamente. Campbell (1999) se utiliza de Freud para comentar que os erros não são um mero acaso, mas o resultado de desejos e conflitos reprimidos; são ondulações na superfície da vida produzidas por nascentes inesperadas, e essas nascentes podem ser muito profundas, tão profundas quanto a própria alma. O erro pode equivaler ao ato inicial do destino. O chamado para a aventura é feito pelo arauto que anuncia o chamado para algum grande empreendimento histórico, assim como pode marcar a alvorada da iluminação religiosa. Entende-se essa fase como o despertar do “Eu”. Um sonho pode ser suficiente para caracterizar a figura do arauto. Mito, sonho, há nessas aventuras um atmosfera de irresistível fascínio em torno da figura que aparece subitamente como guia marcando um novo período.

**Iniciação.** Szabo começa uma de suas a suas aventuras ao deixar a Hungria

( separação), devido à invasão de seu país natal pela antiga URSS. Talvez este fosse o arauto que anuncia a ele o momento de sua partida. O arauto ou agente que anuncia a aventura costuma ser aterrorizante ou considerado maléfico, porém ele é o início da aventura no ciclo da criação do herói. Para Szabo, com certeza, a URSS era maléfica para seu povo. Ou ainda, segundo Freud, sua vontade de deixar o país já estava latente e se manifestou graças à invasão. Após a separação, a iniciação é o segundo passo, e aconteceu quando ele enfrentou as radicais mudanças em um novo país, a Itália.

O **retorno** seria sua volta às piscinas, pois até então a fuga e os problemas que ele enfrentou para conseguir fugir não garantiam que ele continuasse jogando. Para que isso acontecesse bastaria não ser aceito o pedido de asilo político e ele ser extraditado para a Hungria, onde provavelmente ele ficaria afastado das piscinas por um tempo indeterminado.

Após se separar de seu país natal para ganhar sua liberdade, Szabo passa por problemas e se vê obrigado a partir novamente, para o local onde iria se casar, ter filhos e ajudar na conquista de títulos internacionais. Nesta fase da criação do monomito, o herói pode encontra-se com uma mulher que poderá levá-lo ao matrimônio. Isso ocorre quando todas as barreiras daquela aventura foram transpostas. O herói une sua alma à rainha-deusa, que é o teste final do talento de que o herói é dotado para obter a bênção do amor – que é a própria vida, aproveitada como invólucro de eternidade.

Quando Szabo fecha um de seus ciclos, ao chegar ao Brasil, após passar por diversos problemas, casa-se com Margareth Angermann em março de 1960, com apenas oito meses de estada no Rio de Janeiro e da início a uma nova aventura que juntamente com muitas outras culminará na criação do herói do pólo Aquático Brasileiro.

*“O encontro com a deusa é o segundo ponto. O herói, após vencer os ogros e vilões, casa-se com a Deusa do mundo. Pode ser representado como a entrada nas trevas da câmara mais profunda do coração A*

*mulher, como tentação, é encarada, após o casamento, como se o herói tivesse dominado a vida, pois a mulher é o símbolo da vida e o herói seu conhecedor e mestre.*

*A apoteose, a bênção final são estágios que o escolhido alcança, e a partir desse ponto o herói está um ser superior, um Rei nato.”* (Campbell, 1999, p.111)



*Com Margareth Angerman em Março de 1960, em seu 1º casamento. Reportagem sem data, sem jornal sobre o casamento de Szabo.*

Ainda em sua cidade natal, Eger (que em português quer dizer sangue), Szabo inicia outro percurso padrão quando vai a uma corrida de motocross em Budapeste. Sua motocicleta é impedida de participar por seus pneus estarem extremamente gastos. No caminho, correndo muito por estar com raiva de não ter conseguido realizar seu intento, Szabo não vê um buraco no chão, o pneu não suporta o impacto e ele dá duas voltas no ar antes de tocar o solo com sua motocicleta. Devido a esse acidente, ficou seis meses no hospital, engessado. Ao sair, foi carregado para casa por seu pai, pois não conseguia mexer os braços nem as pernas, e 22 placas de platina seguravam o seu crânio trincado. Ao referir-se à fase da iniciação, Campbell (1999) explica que nela pode ocorrer o encontro do herói com o pai, proporcionando-lhes uma sintonia. O herói vai ao encontro do pai para abrir sua alma além do terror, num grau que o torne pronto a compreender de que forma as repugnantes e insanas tragédias são completamente válidas na majestade do ser. Por um instante o pai torna-se a fonte que irá possibilitar que o herói transcenda a



vida, e assim compreenda melhor a sua existência.

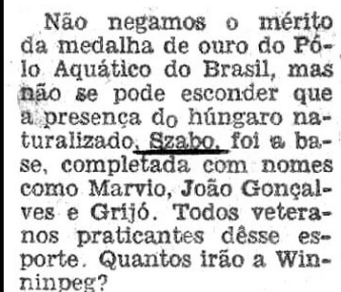
Ainda na iniciação, o herói enfrenta os problemas, os obstáculos que deverão ser vencidos para que o herói feche o seu ciclo. O médico que tratou Szabo disse que o menino ficaria aleijado. Szabo, porém, não aceitou essa condição. Em casa, com uma pequena mala carregada de chumbo, ele forçava o braço direito a ceder um pouco mais, dia após dia. Certa vez, pediu que o levassem até a piscina. Esse pedido caracteriza o seu inconsciente, ou o arauto. Ele se recupera dos danos sofridos e talvez tente reagir ao mal a que foi submetido utilizando forças divinas que ele possivelmente achava que poderiam vir da piscina, local onde ele se tornava um fora do comum. Após seis meses com atividades na água, Szabo, que no início desse trabalho somente conseguia boiar, já estava novamente nadando.

Depois disso retorna ao seu clube, o Vasas, onde iria conquistar diversos títulos. Com muita força de vontade e exercícios recupera o seu potente chute com o braço direito (que também foi atingido na queda), conseguindo uma força além do comum, e é convocado para integrar a seleção húngara nos jogos olímpicos de Helsinque, em 1952, sagrando-se campeão olímpico. Nesta última etapa, percebemos que o retorno descrito por Campbell acontece, e Szabo traz para o seu povo glórias e benfeitorias.

O efeito da aventura bem-sucedida do herói é a abertura e a liberação do fluxo de vida no corpo do mundo. Diversas imagens podem servir para simbolicamente representar tal sucesso, como por exemplo o resplandecer do ouro olímpico para o seu povo. O troféu de campeão de seu clube para a população local. Essas variedades de imagens alternam-se entre si com facilidade, e representam três graus de condensação de uma mesma força vital. Uma colheita abundante é um sinal de graça, a vitória em um campeonato também seria um sinal de graça divina. A graça de Deus é o alimento do espírito, o resplandecer da vitória é o precursor da chuva fertilizante que traz benefícios para seu povo e, ao mesmo

tempo, a manifestação de energia liberada por Deus, que garante a força ao herói e ao seu semelhante. Graça, alimento e energia são os elementos que se precipitam sobre o mundo, e sempre que falham a vida se transforma em morte.

Outra das trajetórias heróicas de Szabo tem início em 1963, no momento em que ele sai de sua casa no Rio de Janeiro (separação), e viaja para São Paulo onde ajuda a conquistar um título inédito para o Pólo Aquático brasileiro: o Campeonato Pan-Americano. Estando no Rio de Janeiro desde 1959, Szabo começava a tornar-se uma lenda dentro do Pólo Aquático, mas ainda faltava-lhe uma grande conquista de âmbito internacional para ratificar sua condição de ídolo. Em São Paulo, enfrenta os adversários poderosos (EUA) (iniciação) e volta com o título e como artilheiro da competição, com 24 gols (retorno). Após esta conquista, Szabo recebe a maioria dos louros da vitória. E seu nome fica eternizado nos arquivos esportivos brasileiros.



Não negamos o mérito da medalha de ouro do Pólo Aquático do Brasil, mas não se pode esconder que a presença do húngaro naturalizado, Szabo, foi a base, completada com nomes como Marvio, João Gonçalves e Grijó. Todos veteranos praticantes desse esporte. Quantos irão a Winnipeg?

*Tribuna da Imprensa ratificando  
A importância de Szabo no  
Pan-americano em 1963.*

De acordo com a obra de Campbell (1999), uma conquista microssomial classificaria tipicamente Szabo como um herói de contos de fadas tribal ou local – isto é, suas conquistas interferem diretamente apenas para o seu povo; já um herói universal, como Jesus ou Maomé, trazem mensagens para todo mundo.

Szabo tornou-se o herói do Pólo Aquático brasileiro por suas façanhas, por sua

força, por sua personalidade. Campbell (1999) explica que o herói consegue vencer suas limitações históricas, pessoais e locais, e alcança formas normalmente válidas. Suas visões, idéias e inspirações vêm diretamente das fontes primárias da vida e dos pensamentos humanos. O herói morre como homem moderno, mas também como homem eterno, aperfeiçoado e não específico.

Szabo morreu, mas sua história nasceu para todos que viram nele uma inspiração para delinear um comportamento, uma forma de agir. A heróica trajetória de Szabo serviu para nortear um padrão e erigir um herói local.

### 3.2 – Racionalizar é Preciso

*Reportagem feita pela “A Gazeta Esportiva” sobre o torneio individual em 27 de Novembro de 1962. - na íntegra, no anexo 3.*



Não é pretensão deste estudo tentar estabelecer o que é verídico ou não, desmistificar, desmentir. O nosso intuito é investigar o mecanismo de formação de identidade do pequeno grupo de Pólo Aquático, a partir da trajetória de Aladar Szabo, fenômeno histórico que aglutina as características valorizadas pelo grupo, que mantém-se vivo na memória dos atores sociais envolvidos com a prática do Pólo Aquático nacional e

estabelece elos entre as gerações, nesse esporte de baixa adesão e popularidade em nosso país.

Aladar Szabo era o melhor? Possivelmente sim, possivelmente não. Alguns pontos poderão nos ajudar a elucidar o porquê dessa colocação ambivalente.

Se fizermos uma análise da situação do Pólo Aquático brasileiro antes da chegada de Szabo, iremos concluir que ainda engatinhávamos no esporte. Para justificar esta afirmação, basta ressaltar alguns pontos simples, como a forma do arremesso, que era em “gancho” e extremamente inferior, tanto em precisão como em força, à forma atual, que assemelha-se ao arremesso do handebol. Nosso sistema de jogo dividia-se ainda por três atacantes e três defensores (e não como hoje, onde todos atacam e quando perdem a bola todos defendem), esquema possivelmente copiado das equipes que vimos jogar em Helsinque, nos Jogos Olímpicos de 1952, última participação do Pólo Aquático brasileiro em olimpíadas antes da chegada de Szabo.

Embora tenhamos jogado em Roma (1960) com Szabo já no Brasil (como foi visto, ele chegou em meados de 1959), ainda era muito cedo para acontecer qualquer mudança significativa. Quatro anos mais tarde, nos Jogos de Tóquio, mesmo contando com Szabo como jogador e tendo absorvido muito do seu aprendizado, o escrete brasileiro ainda não conseguiria vencer a tradição de times como o da Iugoslávia e outros. Em Tóquio (1964) a equipe brasileira integrou o Grupo C juntamente com a URSS, a Iugoslávia e a Holanda. Nossa equipe foi formada por Luís Daniel, Osvaldo C. Filho, Rodney Stuart Bell, Pedro Pincirolí Júnior, Márvio Kelly dos Santos, João Gonçalves Filho, Aladar Szabo, Adhemar Grijó Filho, Ivo Kisselring Carotine, Ney Borges Nogueira e Paulo Kisselring Carotine; o técnico era José Roberto Haddock Lobo. Apesar de um bom começo, fomos derrotados pela Holanda (3 x 2), e depois pela URSS (7 x 1) e pela Iugoslávia (8 x 0).

Na entrevista que nos concedeu, Haddock Lobo comenta que o Brasil não teve a

menor chance contra a URSS e a Iugoslávia; contra a Holanda, jogo em que depositávamos uma esperança maior de vitória, a parte física nos faltou. A participação de Szabo, mesmo jogando melhor que os brasileiros, foi apagada, e nos momentos em que ele deveria aparecer faltaram-lhe forças para decidir a situação.

Realmente, não se poderia esperar que, no pouco tempo em que se encontrava no Brasil, Szabo conseguisse mudar o panorama do Pólo Aquático brasileiro e, além disso, realizar isso praticamente sozinho, pois somente ele detinha o conhecimento prático de muitos jogos internacionais, de contato com as melhores equipes do mundo e com inúmeros jogadores de valores técnicos possivelmente similares aos dele.

Se no nível sul-americano conseguimos atingir o topo, em âmbito mundial nunca obtivemos resultados expressivos. Depois de 1964, voltamos a participar dos Jogos Olímpicos em 1968, e em 1984, em Los Angeles, só participamos devido ao boicote dos países socialistas.

Por que, mesmo depois de termos tido contato com o que havia de mais moderno no esporte, não conseguimos nos tornar competitivos? Os entrevistados Aluísio Marsili, integrante da seleção olímpica nos Jogos de 1968, e Carlos Eduardo Carvalho, Mário Eduardo Souto e Solon dos Santos, que participaram dos Jogos de 1984 nos apontaram o mesmo problema: a falta de intercâmbio. Marsili narrou que, antes de viajar para Helsinque, nunca havia jogado com equipes européias, e que só fez amistosos antes da competição; passaram-se 16 anos, mas Souto, Carvalho e Santos relatam o mesmo problema. Todos comentam que sentiram muita diferença na forma de atuar da arbitragem e no sistema de jogo, que parecia bem mais rápido, pautado em uma melhor preparação física ou um melhor aproveitamento do condicionamento em ações pertinentes ao jogo, além da técnica dos adversários, que era bem mais apurada.

Deve ser ressaltado que a facilidade geográfica possibilita jogos de muita qualidade

entre os europeus, e uma sucessão de jogos amistosos é parte importante do ciclo de treinamento. Campeonatos europeus são sempre uma prévia das competições mais importantes. Para confirmar a supremacia européia, listamos abaixo os campeões olímpicos, os campeões da Copa F.I.N.A. (Federação Internacional de Natação Amadora) e os campeões dos campeonatos mundiais de todos os tempos:

### **Jogos Olímpicos**

\* 1900 – Paris. Campeã: INGLATERRA

\* 1904 – Saint Louis/ Estados Unidos

Somente os Estados Unidos, com três clubes, participaram desta competição, em que o Pólo Aquático foi considerado como esporte de demonstração.. Devido à distância da Europa, berço do Pólo Aquático, e às precárias formas de transporte outras nações não compareceram.

\* 1908 – Londres. Campeã: INGLATERRA

\* 1912 – Estocolmo. Campeã: INGLATERRA

\* 1920 – Antuérpia. Campeã: INGLATERRA

\* 1924 – Paris. Campeã: FRANÇA

\* 1928 – Amsterdam. Campeã: ALEMANHA

\* 1932 – Los Angeles. Campeã: HUNGRIA

\* 1936 – Berlim. Campeã: HUNGRIA

\* 1948 – Londres. Campeã: ITÁLIA

\* 1952 – Helsinque. Campeã: HUNGRIA

\* 1956 – Melbourne. Campeã: HUNGRIA

\* 1960 – Roma. Campeã: ITÁLIA

\* 1964 – Tóquio. Campeã: HUNGRIA

\* 1968 – México. Campeã: IUGOSLÁVIA

- \* 1972 – Munique. Campeã: URSS
- \* 1976 – Montreal. Campeã: HUNGRIA
- \* 1980 – Moscou. Campeã: URSS
- \* 1984 – Los Angeles. Campeã: IUGOSLÁVIA
- \* 1988 – Seoul. Campeã: IUGOSLÁVIA
- \* 1992 – Barcelona. Campeã: ITÁLIA
- \* 1996 – Atlanta. Campeã: ESPANHA
- \* 2000 – Sidney. Campeã: HUNGRIA

### **Copa F.I.N.A**

- \* 1979 - Rijek / Iugoslávia. 1º lugar: HUNGRIA
- \* 1981 - Long Beach / Estados Unidos. 1º lugar: URSS
- \* 1983 - Malibu / Estados Unidos. 1º lugar: URSS
- \* 1985 - Duisburg / Alemanha. 1º lugar: ALEMANHA
- \* 1987 - Thessaloniki / Grécia. 1º lugar: IUGOSLÁVIA
- \* 1989 - Berlim / Alemanha. 1º lugar: IUGOSLÁVIA
- \* 1991 - Barcelona / Espanha. 1º lugar: ESTADOS UNIDOS
- \* 1993 - Atenas / Grécia. 1º lugar: ITÁLIA
- \* 1995 - Atlanta / Estados Unidos. 1º lugar: HUNGRIA
- \* 1997 - Atenas / Grécia. 1º lugar: ESTADOS UNIDOS
- \* 1999- Sdney/Austrália. 1º Lugar: HUNGRIA

## **Mundiais**

- \* 1973 - Belgrado / Iugoslávia. 1º lugar: HUNGRIA
- \* 1975 - Cali / Colômbia. 1º lugar: URSS
- \* 1978 - Berlim -/Alemanha. 1º lugar: ITÁLIA
- \* 1982 - Guayaquil / Equador. 1º lugar: URSS
- \* 1986 - Madrid / Espanha. 1º lugar: IUGOSLÁVIA
- \* 1990 - Perth / Austrália. 1º lugar: IUGOSLÁVIA
- \* 1994 - Roma / Itália. 1º lugar: ITÁLIA
- \* 1998 - Perth / Austrália. 1º lugar: ESPANHA
- \*2001-Fukuoka/Japão. 1º lugar: ESPANHA

Como vemos, a supremacia européia está patente na maioria dos primeiros lugares em Pólo Aquático conquistados ao longo do tempo. Durante o período que assinalamos, somente a antiga URSS – e os Estados Unidos, em uma edição da Copa F.I.N.A., quebraram essa hegemonia. Países de outros continentes jamais conquistaram qualquer título em âmbito mundial.

Além da falta de intercâmbio com os países mais adiantados tecnicamente, outro fator que dificulta a participação em tais competições é o sistema de ingresso. No futebol, por exemplo, as competições seguem um caráter regional, ou seja, os melhores da Europa, das Américas, da África, da Ásia e da Oceania conseguem vaga para as competições. Isso garante experiência às equipes menos técnicas, com isso elevando o nível das equipes inferiores. No Pólo Aquático não é assim. As competições classificatórias têm caráter mundial e, para piorar a situação, para a Copa F.I.N.A. só são convidados os oito países melhores classificados nos Jogos Olímpicos. Observando os dados apresentados acima,



percebemos que a experiência de Szabo adquirida em inúmeras competições e jogos amistosos internacionais defendendo a seu times o Vasas , a seleção Húngara ou o seu time italiano o Rari Nantes, possibilitou um vantagem significativa em relação aos brasileiros que pouco jogos de expressão realizaram, fora as competições.

Algumas das histórias contadas sobre Szabo merecem uma atenção especial, para refletirmos a importância da criação de um herói. Racionalizar de uma maneira distanciada ratifica ainda mais a necessidade que um grupo tem em atribuir fatos e atitudes a uma pessoa que lhe serve de ponto de referência, para justificar as normas do grupo e os objetivos dos que dele participam.

Quando analisamos alguns pontos dessas histórias, percebemos que a possibilidade de alguns fatos terem acontecido da forma como nos foram narrados representaria realmente uma façanha digna de um super-homem. Por exemplo, o arremesso que Szabo teria feito, lançando uma bola do Botafogo Futebol e Regatas para o Clube de Regatas Guanabara, seria um acontecimento épico. Como um “de dentro”, queremos acreditar que o fato ocorreu; como pesquisador, no entanto, não encontramos nenhuma prova documental que corroborasse o que nos foi contado por vários entrevistados. Nenhum deles assistiu ao arremesso, outra pessoa é que teria visto e lhes contado, ou simplesmente ouviram falar do caso e aceitaram como verdade.

Para entender o quanto teria sido difícil executar aquele arremesso, basta acompanhar os seguintes dados: pelo cálculo a que nos referimos na Seção 3.1.2, a bola teria transposto um percurso de aproximadamente 100 metros, o equivalente a duas piscinas olímpicas; as narrativas dizem que ele arremessou a bola de dentro da piscina, ou seja, sem uma base fixa; a base que ele teria utilizado seria o movimento de pernada alternada (movimento circular realizado com as pernas, que mantém os jogadores sobre a linha d’água, permitindo que sejam realizadas as manobras pertinentes ao jogo).

Uma reportagem do dia 27 de novembro de 1962, publicada no jornal *A Gazeta Esportiva*, registra um torneio individual que foi realizado para ver qual era o atleta do Pólo Aquático brasileiro que detinha os melhores fundamentos. Participou do torneio um grupo de 28 atletas, pertencentes a cinco clubes de expressão nacional: Pinheiros, Tietê, Palmeiras, Paulistano e Botafogo. O evento foi idealizado pela Federação Paulista de Natação e realizado no Clube Tietê, em São Paulo. Szabo saiu vencedor do torneio, que teve os seguintes resultados:

**1ª Prova** – 50m Nado Livre com Condução de Bola

1º Szabo (Botafogo), com 30.5 seg.

2º Athos Procópio (Paulistano), com 31 seg.

**2ª Prova** – Arremesso de Potência

1º Szabo, com 31.90 m.

2º Farid Zablith (Paulistano), com 28.40m.

**3ª Prova** – Arremesso de Precisão

1º Fernando Sandoval (Botafogo), com 13 pontos.

2º Reid Jauhar (Paulistano), com 8 pontos.

3º Paulo dos Santos, Edson Torres e Szabo (Botafogo), Luis Lima Pinheiros (Pinheiros), Abraham Surmejan e Poerio Bernardine (Tietê), com 1.8 pontos.

**4ª Prova** – Arremesso de Penalidades Máximas

1º Szabo, com 5 tentos.

2º Farid Zablith, com 4 tentos.

**5ª Prova** – Revezamento 10 x 50 condução de bola

1º Botafogo, com 6.04 s.

2º Paulistano, com 6.11s.

**Resultado final do torneio**

1º Aladar Szabo, com 40.8 pontos.

2º Farid Zablith, com 16 pontos.

Tais resultados não servem para avaliar quem seria o melhor atleta, ainda mais porque não sabemos como se deu tal competição e se os outros participantes, apesar de pertencerem a clubes de expressão nacional, como o Pinheiros e o Paulistano, tinham técnica apurada. Mas, se prestarmos atenção ao resultado da segunda prova, de Arremesso de Potência, vencida por Szabo com 31.9m (embora não saibamos qual era o peso da bola nem quais os requisitos para tal arremesso), constatamos que o arremesso mais potente que deu a Szabo o primeiro lugar está muito longe dos 100m que são propostos nas diversas narrativas da proeza que teria ocorrido na piscina do Botafogo.

De qualquer modo, o importante é percebermos que o imaginário do grupo é tão poderoso que histórias como essa circulam ainda hoje no meio, e são aceitas com alguma naturalidade. Um certo grau de desconfiança seria indício de bom senso por parte de quem ouvisse tal fato, principalmente se não fizesse parte do grupo. Porém, muitas vezes querer acreditar no fato torna o narrador extremamente convincente em seus argumentos.

Outro conto versa sobre a quebra de balizas. Szabo teria quebrado sete traves: algumas no Fluminense, outras no Botafogo, e outras ainda em lugares que ele não se lembrava, como declarou em entrevista ao *Jornal da Tarde*, em 20 de abril de 1972. Aluísio Marsili, ex-jogador do Fluminense, contemporâneo de Szabo, disse que ouviu falar na quebra das traves, mas não viu, e acredita que poderia ser mesmo verdade, pela força dos chutes do húngaro. Ricardo Perrone, o Kiko, atleta do Barcelona, da Espanha, e jogador da seleção brasileira, narra que em uma de suas viagens à Itália conheceu um dos integrantes do Rari Nantes (time em que Szabo jogou), que lhe disse que nunca viu ninguém chutar com a força de Szabo. E Eduardo Abla conta que Szabo lhe confirmou que realmente já havia quebrado traves, porém muitas eram de ripas de madeira, não tendo a largura das usadas hoje em dia, de forma cúbica e com aproximadamente 10cm de largura.

Curiosa é a importância que se dá a fatos épicos que corroboram a força do herói. Na mesma reportagem, em que um dos subtítulos é “Como partir costelas e traves”, são narradas a cotovelada no jogador do Fluminense que levou a vítima a fazer cirurgia bucal, e o pontapé que quebrou três costelas de Everardo Cruz<sup>7</sup>. É flagrante, na entrevista, a tentativa de mostrar a força do herói, refletida em fatos de sua vida que ratificam o mito da masculinidade incorporado na figura de Szabo.

Conta ainda a entrevista que ele foi esfaqueado, em Manaus, por um de seus empregados em uma empresa que exportava madeira. Ele havia decidido apostar seu futuro nesse tipo de trabalho; como não foi bem-sucedido, mais tarde ele foi para São Paulo, onde trabalhou no Palmeiras como técnico. Uma frase registrada na entrevista revela um pouco a idéia que ele tinha da vida:

*“A vida é como um jogo de pôquer. No começo a gente perde muito dinheiro para aprender. Mas quando aprende é que vem o prazer: ganhar de quem ainda não sabe jogar.”*

Querer acreditar é o primeiro passo para tornar algo possível, e a comunidade do Pólo Aquático acredita no seu herói, tanto que, mesmo depois que ele parou de jogar, em 1965, e após sua morte, em 12 de outubro de 1985, suas histórias são mantidas e contadas para quem faz parte do grupo como uma forma constante de construção de identidade.



<sup>7</sup> Ambos os casos foram descritos na Seção 3.1.2 deste trabalho.

## CAPITULO IV

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando um esporte permanece durante uma centena de anos dentro do calendário esportivo brasileiro, participando regularmente de competições regionais, nacionais e internacionais, com um número pequeno mas relativamente constante de participantes, pensa-se logo que ele atingiu alguma expressão dentro do contexto esportivo, seja em número crescente de espectadores ou em uma presença significativa nos meios de comunicação. Contudo, diferentemente de outros esportes, como o futsal ou até mesmo o vôlei de praia, que não gozavam de prestígio mas hoje conseguiram destacar-se, o Pólo Aquático brasileiro não ingressou no *hall* da fama dos esportes nacionais.

Aqui poderíamos discorrer sobre diversos pontos que nos levariam a possíveis soluções, ou ainda apontar onde foi que erramos ao longo de todo esse período. Este é também um dos papéis da análise histórica: possibilitar acertos onde no passado erros foram cometidos. Mas não foi esta a pretensão do presente estudo. Do ponto de vista acadêmico, o objetivo que nos norteou foi encontrar a razão para o fato de, mesmo sem o sucesso de outras modalidades esportivas, com alternâncias discretas de assedio da mídia, sem conquistar títulos relevantes, sendo encarado pela sociedade como violento, sem ídolos que o projetassem, o Pólo Aquático continuar sendo praticado com calendário nacional e participando de eventos mundiais importantes.

O que aconteceu para que este pequeno grupo tenha se mantido unido por tanto tempo? Teria sido o amor ao esporte? Talvez. Para os “de dentro”, jogar Pólo Aquático é extremamente gratificante. Mas, partindo do pressuposto de que não foi somente o amor que manteve o Pólo Aquático vivo até os dias de hoje, fomos em busca de algo mais que

tivesse contribuído para que sucessivas gerações conseguissem transpor tamanhos problemas.

Do ponto de vista sociológico, o estudo de Mills (1970) nos explicou os processos interpessoais que ocorrem em pequenos grupos, envolvendo comportamentos, emoções, normas, objetivos e valores que devem ser assumidos / incorporados pelos indivíduos que desejem ingressar / permanecer no grupo, e que mantêm a união dos membros desse grupo.

Do ponto de vista histórico ressaltamos que, além de o esporte, de uma maneira geral, ter sido marcado pela supremacia masculina – que ainda é visível, apesar dos grandes avanços que vêm acontecendo em termos da participação feminina –, o Pólo Aquático brasileiro, especificamente, ainda hoje é um esporte “de homens”.

Em nosso país, sua prática registra agressões e o uso excessivo da força. Isso por causa de seus primeiros praticantes, musculosos remadores que o jogavam por diversão, sem interessar-se pelas regras do esporte. A continuação dessa conduta, aliada ao pouquíssimo intercâmbio com equipes de outros países, gerava sérias desavenças dentro d'água. O caso mais divulgado talvez tenha sido a agressão ao árbitro do jogo contra a Alemanha, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932. Para o árbitro, os brasileiros julgaram-se prejudicados simplesmente porque desconheciam as regras do jogo. Ao retornarmos, a CBD proibiu a participação do Pólo Aquático em competições internacionais por um longo período.

Os dados colhidos nas entrevistas que realizamos atestam que, nas gerações seguintes, problemas disciplinares, tanto nos jogos como nas concentrações, tornaram-se comuns dentro das delegações de Pólo Aquático, e essas ocorrências são contadas com um certo tom de pilhéria, e não com constrangimento.

Verificamos, portanto, que a construção da identidade do grupo deu-se a partir das

representações que os atores sociais envolvidos criaram sobre as características de um jogador de Pólo Aquático, ligadas às vivências e memórias de situações de agressividade, de indisciplina, de violência, que permearam a prática desse esporte em nosso país.

Através da leitura de Nolasco (1995a, 1995b, 2001), procuramos estabelecer a relação entre as características que compõem a identidade do praticante de Pólo Aquático e aquelas que compõem o mito da masculinidade. Isto nos forneceu o suporte teórico de que necessitávamos para apresentar a figura de Aladar Szabo, jogador húngaro naturalizado brasileiro, como encarnação do mito da masculinidade e, sob a perspectiva de Campbell (1999), como um herói do Pólo Aquático brasileiro.

Aladar Szabo parece ter aglutinado todas as características necessárias para representar o ícone do “Jogador de Pólo Aquático”: forte, agressivo, violento, brigão. Além desses atributos, a memória e a imagem que os relatos fornecem sobre Szabo estão bem sintonizados com um tipo de construção tipicamente brasileira: os entrevistados atribuem a ele traços que estariam associados ao “caráter brasileiro” (mulherengo, fã do Carnaval e, acima de tudo, alegre), numa tentativa, mesmo que inconsciente, de nacionalizá-lo. Em outras palavras, a memória do grupo de Pólo Aquático brasileiro nacionalizou Szabo para poder transformá-lo em um herói local.

Szabo lutou pela vitória, e para isso se distanciava do comportamento dos homens normais. Ele não é representativo do ser humano comum, está além, apresenta-se como supra-humano, e por isso tornou-se um mito. Ele representa um ideal de virilidade, força e poder, o que tem lhe assegurado a perenidade na memória e nos discursos dos membros do grupo de Pólo Aquático brasileiro.

A permanência desses atributos no imaginário não só deste pequeno grupo, mas da sociedade como um todo, pode ser verificada através de episódios da telenovela “Malhação”, da Rede Globo de Televisão, exibidos durante o ano 2000, onde os jogadores

da equipe de Pólo Aquático de um colégio são retratados como brigões e agressivos, uma espécie de “*bad boys*”, termo muito utilizado para descrever os lutadores de jiu-jitsu que arrumam brigas em boates do Rio de Janeiro somente para exibir suas habilidades de luta.

Mas é possível que esteja ocorrendo uma mudança no comportamento do grupo que se dedica ao Pólo Aquático, e que o perfil dos jogadores não seja visto como tão radicalmente agressivo, como anteriormente. No último mundial de esportes aquáticos, realizado no Japão no ano de 2001, a delegação brasileira de Pólo Aquático foi muito elogiada pela sua disciplina, como nos contou em entrevista o técnico da seleção, Carlos Eduardo Carvalho – que, sendo também um ex-atleta, presenciou diversos problemas disciplinares em outras delegações das quais participou como jogador. Tal mudança de comportamento encontraria apoio na análise de Elias (1987), para quem a história do Ocidente vem se mostrando menos tolerante com a violência física, com isso alterando os costumes da sociedade como um todo.

Como já dissemos anteriormente, a história tem um papel fundamental para perenizar um dado, assunto ou tema; sem os seus registros muito cai no esquecimento, principalmente em nosso país, que nunca primou pela preocupação de preservar suas memórias.

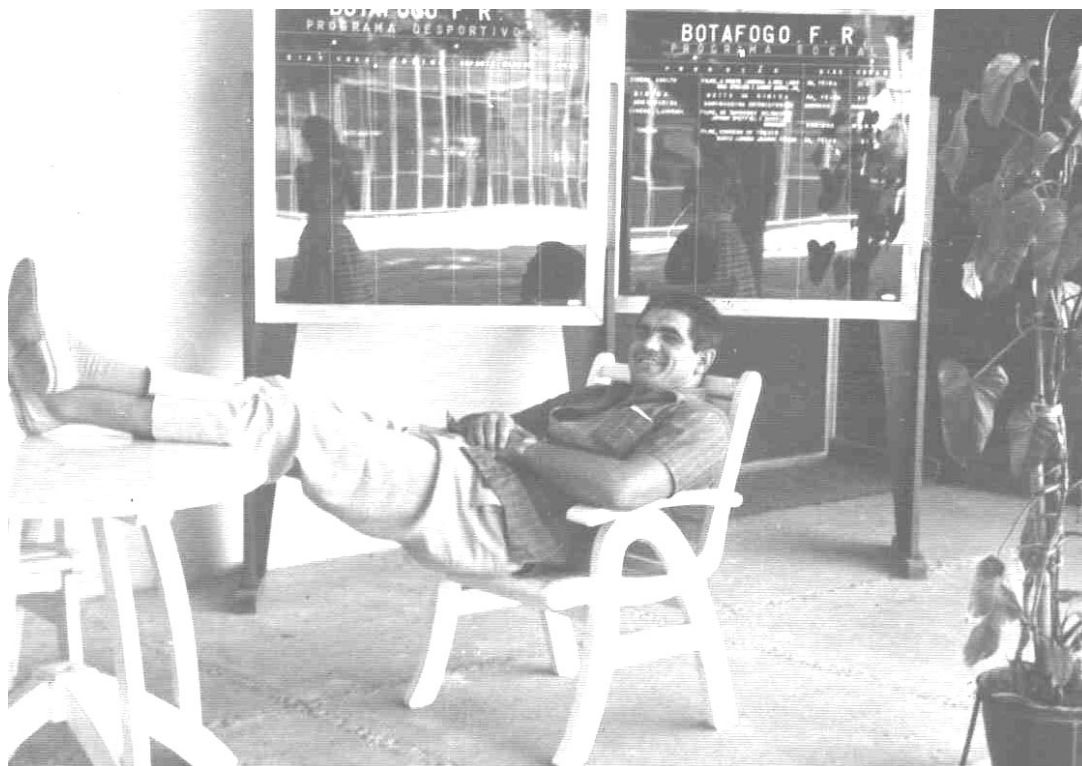
Através de documentos e entrevistas, procuramos transcrever passagens da vida de Aladar Szabo e reorganizar os fatos para montar o quebra-cabeça que configurou a proposta de desenvolvimento deste estudo.

Tentar interpretar as narrativas dos entrevistados, confrontá-las entre e si e com outras evidências, e daí retirar conclusões é uma das tarefas do pesquisador, pois, de acordo com Veyne (1998),



*“O narrar não deve ser o único objetivo da história o explicar deve ter um papel superior A explicação nada mais é do que a forma como se narra. É uma narrativa organizada e compreensível, porém é necessário a compreensão, pois sem ela a história não é mais história.” (p.92)*

Além disso, como sabemos que com o passar do tempo a memória oral vai se perdendo se não for transformada em história, podemos dizer que este foi também um dos propósitos do presente estudo: manter viva a história do Pólo Aquático brasileiro.



*Aladar Szabo: o ícone do pólo aquático brasileiro.*

## BIBLIOGRAFIA

- ALABARCES, Pablo. *Peligro de gol*. Buenos Aires: Clacso, 1999.
- BRASIL, Confederação Brasileira de Desportos. *Water-polo - regras oficiais*. Rio de Janeiro: CBD, 1950.
- BRASIL, Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos. *Modificações nas regras de pólo aquático*. Rio de Janeiro: CBDA, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Pólo aquático - regras oficiais*. Rio de Janeiro: CBDA, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Regras de pólo aquático*. Rio de Janeiro: CBDA, 1997.
- BRASIL, Comitê Olímpico Brasileiro. *Jogos olímpicos: delegações brasileiras*. Rio de Janeiro: COB, 1995.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Regras oficiais de natação, saltos ornamentais, pólo aquático e natação sincronizada*. Rio de Janeiro: Secretaria de Educação Física e Desportos, 1982.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix / Pensamento, 1999.
- CARDOSO, Maurício. *100 anos de olimpíada*. São Paulo: Scritta, 1996.
- CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. *Olimpiade*. Los Angeles: Comitê Olímpico Organizador, 1932.
- \_\_\_\_\_. *XV Olimpíada*. Helsinque: Comitê Olímpico Organizador, 1952.
- DUARTE, Orlando. *Todos os esportes do mundo*. São Paulo: Scritta, 1996.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

- ELIAS, Norbert e Dunning, Eric . *A busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1987.
- FALCÃO, Peter. Pólo aquático volta a ser praticado após 50 anos. *A Gazeta*, Vitória, 20 maio 1996, Caderno 2, Esporte, p. 3, c.1-6.
- FEDERAÇÃO AQUÁTICA DO RIO DE JANEIRO. *II Copa Sears Rio Pólo Aquático*. Rio de Janeiro: FARJ, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Estatuto 1996*. Rio de Janeiro: FARJ, 1996.
- FEIJÓ, C. Martin. *O que é herói*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- GOULD, Stephen J. *O sorriso do flamingo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- HOBBSAWM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1789-1914. In: HOBBSAWM, Eric e Terence, Ranger (org.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- LEVINE, Donald. *Visões da tradição sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- MILLS, Theodore M. *Sociologia dos pequenos grupos*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1970.
- NISBET, Robert. *História da idéia de progresso*. Brasília: UNB, 1985.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995a.
- \_\_\_\_\_. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995b.
- \_\_\_\_\_. *De Tarzan a Homer Simpson*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- SMITH, James R. *The world encyclopedia of water polo 1904-1986*. Los Olivos, California: Olive Press Publications, 1989.

ZÉ DE SÃO JANUÁRIO Water polo, Cadáver em decomposição. *JORNAL DOS SPORTS*, Rio de Janeiro, ?/?/ 1968.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Brasília: UNB, 1998.

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1**

### **Primórdios do Pólo Aquático Brasileiro**

## Anexo 1

### Os Primórdios do Pólo Aquático no Brasil

Para falarmos do pólo aquático no Brasil, devemos nos reportar ao que parece ter sido o esporte-mãe desse: o remo. Antes do futebol assumir o seu papel de esporte número um do País, o remo era uma paixão nacional. Foram envolvidos com a prática do remo que surgiram grande parte dos atuais clubes esportivos do eixo Rio-São Paulo.

Segundo a Enciclopédia Barsa (1964), foi Flávio Vieira que introduziu o pólo aquático no Brasil, provavelmente nos clubes de remo. Os primeiros jogadores de pólo aquático podem também ter sido de nadadores, até mesmo porque muitos atletas disputavam tanto competições de remo quanto de natação

Em São Paulo<sup>8</sup>, as competições de remo eram disputadas no rio Tietê, o que hoje infelizmente tornou-se impossível devido as más condições do mesmo. Já no Rio de Janeiro<sup>9</sup>, as regatas aconteciam na Enseada de Botafogo, que foi sede do primeiro campeonato brasileiro em 1902 (não oficial).

Quando um esporte está em fase de desenvolvimento, normalmente ele toma outro mais avançado como modelo. Foi assim no caso do próprio remo, que copiou as competições de turfe. E provavelmente as competições de pólo aquático obtiveram forte inspiração no remo, na época o mais desenvolvido esporte que fazia uso do meio aquático.

Com o pólo aquático estando diretamente ligado ao remo, seus praticantes eram a princípio homens fortes e corpulentos. Segundo José Roberto Haddock Lobo (ex-atleta e técnico da seleção brasileira de pólo aquático), o fato do pólo aquático ser praticado por remadores e não por nadadores, pode ter contribuído para tornar o jogo parado e violento. As regras na época não limitavam o tempo de ataque e os jogadores não podiam se

---

<sup>8</sup>. Alguns clubes paulistas: o Espéria, o Tietê e o Paulistano.

<sup>9</sup>. Alguns clubes cariocas: o Clube de Regatas Vasco da Gama, o Clube de Regatas Botafogo e o Clube de Natação e Regatas, o Clube de Regatas Flamengo.

locomover quando houvesse uma interrupção (falta), o que tornava a partida extremamente chata e pouco atrativa para o público.

Inicialmente, no Rio de Janeiro, o pólo aquático foi praticado na praia das Virtudes, que hoje se encontra aterrada, sendo possível encontrar em seu lugar a Avenida Santa Luzia (Centro). Segundo José Roberto, quando o pólo aquático lá começou ser praticado, dividia espaço com o remo, o que também pode ter contribuído para os remadores se interessarem pelo pólo. Neste local se situavam o Clube de Regatas Vasco da Gama, o Boqueirão do Passeio, o Clube de Natação e Regatas e o Clube Internacional de Regatas.

De fato, o primeiro jogo de pólo aquático no Rio de Janeiro, disputado pelas equipes do Clube de Natação e Regatas e do Clube de Regatas do Flamengo, foi realizado nessas redondezas: na praia de Santa Luzia, por volta de 1908. Para a prática, foi utilizada uma doca construída para abrigo de pequenos barcos (JORNAL DOS ESPORTES, 1968). Cada equipe formou com 11 jogadores de cada lado, tal como um jogo de futebol e provável influência do 'futebol aquático' europeu. Os jogadores usavam camisas com as cores dos clubes e jogavam sem gorro.

Mais tarde os jogos passaram a ser realizados no varandim de remo na praia de Botafogo. Os jogadores continuavam a utilizar camisas, por ser considerado inadequado, falta de respeito e decoro para com as famílias, homens se exibindo de tronco nu. Lembremos que somente no quartel final do século XIX os esportes aquáticos começaram a se desenvolver exatamente devido a tal imposição estética. Para a época, tal indumentária era um avanço significativo e ninguém pensava que futuramente mulheres e homens desfilariam pelas praias ainda mais nus. Vale também ressaltar que em todos os jogos a quantidade de camisas rasgadas era enorme, devido ao contato físico natural do jogo, ainda mais naquele momento.

Relativamente rápido se desenvolveu o pólo aquático. Além dos clubes já citados,



podemos lembrar do Clube Guanabara e do Botafogo Futebol e Regatas, da Zona Sul da cidade, e do Icaraí, do Gragoatá e do Esporte Clube Fluminense, originários de Niterói. Logo os torneios seriam divididos em primeira e segunda divisão.

Durante muitos anos vigorou tal forma de torneio, no qual participaram: Clube de Regatas Vasco da Gama, Clube Boqueirão do Passeio, Clube de Natação e Regatas, Clube Internacional de Regatas, Clube São Cristovão e Regatas, Clube de Regatas do Flamengo, Clube de Regatas Botafogo, Niterói, Gragoatá e Icaraí.

A competição permaneceu sendo realizada no mar até 1930, quando o Fluminense filiou-se a Federação. Mesmo sem possuir um time de pólo aquático, este clube foi obrigado a ceder sua piscina para as competições de pólo, que entrava então em uma nova fase.

## **ANEXO 2**

**Resultados de Competições: Jogos Olímpicos – Campeonatos Mundiais – Copa  
F.I.N.A –Pan-Americanos – Sul –Americanos – Campeonatos Cariocas**

## Anexo 2

### **Competições de Pólo Aquático -Resultados**

#### **Jogos Olímpicos**

##### **\* 1900 - PARIS**

Apenas três nações participaram, embora no total seis times tenham disputado o torneio. A Inglaterra conquistou a primeira medalha de ouro. Charles Smith foi a grande revelação.

##### **\* 1904 - SANT-LOUIS**

Somente os Estados Unidos participaram desta competição. Devido a distância da Europa, berço do pólo aquático, e às precárias formas de transporte outras nações não compareceram. Competiram três clubes e o pólo aquático foi considerado como esporte de demonstração.

##### **\* 1908 - LONDRES**

Seis nações participaram, todas da Europa: Áustria, Holanda, Hungria, Suécia, Bélgica e Inglaterra, que mais uma vez levou a medalha de ouro.

##### **\* 1912 - ESTOCOLMO**

Participaram seis times. Nesses Jogos, pela primeira vez a França participou. A Inglaterra novamente leva a medalha de ouro.

##### **\* 1920 - ANTUÉRPIA**

Recorde de participações olímpicas até então: doze times originários de dois continentes (América e Europa). Foi a primeira participação do Brasil, que obteve o sexto lugar. Foi a última medalha de ouro que a Inglaterra conquistou.

##### **\* 1924 - PARIS**

Treze equipes participaram. Medalha de ouro para a França, prata para a Bélgica e

bronze para os Estados Unidos.

\* 1928 - AMSTERDAM

Catorze equipes participantes e medalha de ouro para a Alemanha.

\*1932 - LOS ANGELES

Mais uma vez as dificuldades de transporte dificultam e reduzem a participação de equipes: apenas cinco, sendo somente duas nações européias (Hungria e Alemanha). As outras equipes que participaram foram Estados Unidos, Japão e Brasil. A Hungria se sagrou campeã. A equipe brasileira foi desclassificada no segundo jogo, contra a Alemanha, por agressão Árbitro Húngaro Bela Kamjadi.

\* 1936 - BERLIM

Participaram dezesseis equipes. A Hungria conquista mais uma vez a medalha de ouro.

\* 1948 - LONDRES

Após a guerra, os Jogos retomam sua continuidade. A competição de pólo aquático conta com a participação de dezoito equipes, sagrando-se campeã a Itália.

\* 1952 - HELSINKI

Vinte e uma equipes participaram. Hungria retoma a liderança e conquista mais uma medalha de ouro. Brasil participa novamente, mas não chega a se classificar para segunda fase.

\* 1956 - MELBOURNE

Hungria leva novamente a medalha de ouro, após vencer a Iugoslávia.

\* 1960 - ROMA

Com dezesseis participantes, a Itália sagra-se campeã mais uma vez. Embora com

destaque para o atleta para Marvio Kelly, o Brasil é novamente eliminado nos momentos iniciais da competição.

\* 1964 - TÓQUIO

Treze participantes e nova medalha de ouro para a Hungria é campeã. Outra participação da equipe brasileira.

\* 1968 - MÉXICO

Após perder a final para a Hungria em 1964, a Iugoslávia finalmente conquista sua primeira medalha de ouro. Brasil é eliminado pela URSS, que ficou com a medalha de prata.

\* 1972 - MUNIQUE

Contando com a participação de seis equipes, a URSS leva sua primeira medalha de ouro, numa disputada final com a premiada Hungria.

\* 1976 - MONTREAL

Doze equipes e a Hungria volta a ser campeã.

\* 1980 - MOSCOU

Boicote de alguns países do bloco capitalista. Doze equipes participaram, obtendo a URSS sua segunda medalha de ouro.

\* 1984 - LOS ANGELES

Como nos dois últimos Jogos, doze equipes participaram. Com o boicote dos países do bloco socialista, o Brasil entra numa das vagas deixadas pela URSS, Hungria, Romênia e Cuba.

\* 1988 - SEOUL

Mais uma vez participaram 12 equipes. A Iugoslávia é novamente campeã.

\* 1992 - BARCELONA

12 equipes participando e a Itália conquistou a medalha de ouro.

\* 1996 - ATLANTA

Após perder a competição em casa, a Espanha vence e se sagra pela primeira vez campeã.

\* 2000 - SIDNEY

A Hungria conquista sua sétima medalha de ouro.

### **Campeonato Mundial**

\* 1973 - Belgrado - Iugoslávia

Primeiro- Hungria

Segundo - URSS

Terceiro - Iugoslávia

\* 1975 - Cali - Colômbia

Primeiro - URSS

Segundo - Hungria

Terceiro - Itália

\* 1978 - Berlim - Alemanha

Primeiro -Itália

Segundo - Hungria

Terceiro - Iugoslávia

\* 1982 - Guayaquil - Equador

Primeiro - URSS

Segundo - Hungria

Terceiro - Alemanha

\* 1986 - Madrid - Espanha

Primeiro- Iugoslávia

Segundo-Itália

Terceiro- URSS

\* 1990 - Perth - Austrália

Primeiro - Iugoslávia

Segundo - Espanha

Terceiro - Hungria

\* 1994 - Roma - Itália

Primeiro-Itália

Segundo- Espanha

Terceiro- Rússia

\* 1998 - Perth - Austrália  
Primeiro - Espanha  
Segundo - Hungria  
Terceiro - Iugoslávia

\*2001- Fukuoka - Japão  
Primeiro - Espanha  
Segundo - Iugoslávia  
Terceiro - Rússia

### **Copa F.I.N.A**

\* 1979 - Rijek - Iugoslávia  
Primeiro - Hungria  
Segundo - Estados Unidos  
Terceiro - Iugoslávia

\* 1981 - Long Beach - Estados Unidos  
Primeiro - URSS  
Segundo - Iugoslávia  
Terceiro - Cuba

\* 1983 - Malibu - Estados Unidos  
Primeiro - URSS  
Segundo - Alemanha  
Terceiro - Itália

\* 1985 - Duisburg - Alemanha  
Primeiro - Alemanha  
Segundo - Estados Unidos  
Terceiro - Espanha

\* 1987 - Thessaloniki - Grécia  
Primeiro - Iugoslávia  
Segundo - URSS  
Terceiro - Alemanha

\* 1989 - Berlim - Alemanha  
Primeiro - Iugoslávia  
Segundo - Itália  
Terceiro - Hungria

\* 1991 - Barcelona - Espanha  
Primeiro - Estados Unidos  
Segundo - Iugoslávia  
Terceiro - Espanha

\* 1993 - Atenas - Grécia  
Primeiro - Itália  
Segundo - Hungria  
Terceiro - Austrália

\* 1995 - Atlanta - Estados Unidos  
Primeiro - Hungria  
Segundo - Itália  
Terceiro - Rússia

\* 1997 - Atenas - Grécia  
Primeiro - Estados Unidos  
Segundo - Grécia  
Terceiro - Hungria

\* 1999 - Sidney  
Primeiro - Hungria  
Segundo - Itália  
Terceiro - Espanha

### **Campeonato Pan-Americano**

\* 1951 - Buenos Aires  
Primeiro - Argentina  
Segundo - Brasil  
Terceiro - Estados Unidos

\* 1955 - Cidade do México  
Primeiro - Argentina  
Segundo - Estados Unidos  
Terceiro - Brasil

\* 1959 - Chicago  
Primeiro - EUA  
Segundo - Argentina  
Terceiro - Brasil

\* 1963 - São Paulo  
Primeiro - Brasil  
Segundo - Estados Unidos  
Terceiro - Argentina

\* 1967 - Winnipeg  
Primeiro - Estados Unidos  
Segundo - Brasil  
Terceiro - México



\* 1971 -Cali

Primeiro - Estados Unidos

Segundo - Cuba

Terceiro - México

\* 1975 - Cidade do México

Primeiro - México

Segundo - Estados Unidos

Terceiro - Cuba

\* 1979 - San Juan

Primeiro - Estados Unidos

Segundo - Cuba

Terceiro - Canada

\* 1983 - Caracas

Primeiro - Estados Unidos

Segundo - Cuba

Terceiro - Canada

\* 1987 - Indianapolis

Primeiro - Estados Unidos

Segundo - Cuba

Terceiro - Brasil

\* 1991 - Havana

Primeiro - Cuba

Segundo - Estados Unidos

Terceiro - Brasil

\* 1995 - Buenos Aires-

Primeiro - Estados Unidos

Segundo - Brasil

Terceiro - Cuba

\*1999- Winnipeg

Primeiro - EUA

Segundo - Cuba

Terceiro - Canada

### **Campeonato Sul-Americano**

\* 1929 - Uruguai

\* 1934 - Argentina

\* 1935 - Brasil

\* 1937/1938 - Uruguai

\* 1946 -Brasil

\* 1947 - Argentina

\* 1949 - Uruguai

\* 1952 - Argentina

- \* 1954 - Brasil
- \* 1956 - Argentina
- \* 1958 - Brasil e Argentina
- \* 1960 - Argentina
- \* 1962/1963/1965/1972/1974/1976/1978/1980 - Brasil
- \* 1982 - Colômbia
- \* 1984/1986/1988 - Brasil
- \* 1990 - Colômbia
- \* 1992/1994/1996/1998/2000 - Brasil

Observ. 1 - não conseguimos registros dos campeonatos de 1967, 1968 e 1970

Observ. 2 - Fontes: Ministério da Educação e Cultura, jornal O Globo, Jornal dos Sports

### **Campeonato Carioca - resultados (1953-2001)**

- \* De 1953 até 1962 - Fluminense
- \* 1963 - Botafogo
- \* 1964 - Fluminense
- \* 1965/ 1966 - Botafogo
- \* 1967 - Fluminense
- \* 1968 - Fluminense
- \* de 1969/1970/1971 - Guanabara
- \* De 1972 até 1978 - Fluminense
- \* 1979 - Gama Filho
- \* 1980- Botafogo
- \* 1981 - Gama Filho
- \* 1982/1983 - Botafogo
- \* 1984 - Fluminense
- \* De 1985 até 1993 - Flamengo
- \* 1994 - Guanabara
- \*1995/1996 - Botafogo
- \* 1997/1998/1999 - Fluminense
- \* 2000 – Vasco
- \* 2001-Fluminense
- \* 2002 – Guanabara
- \* 2003 – Fluminense
- \* 2004 -Fluminense

Fontes: , Federação de Desportos Aquáticos do Rio de Janeiro, depoimento de ex-atletas e atletas.

**ANEXO 3**  
**Reportagens**